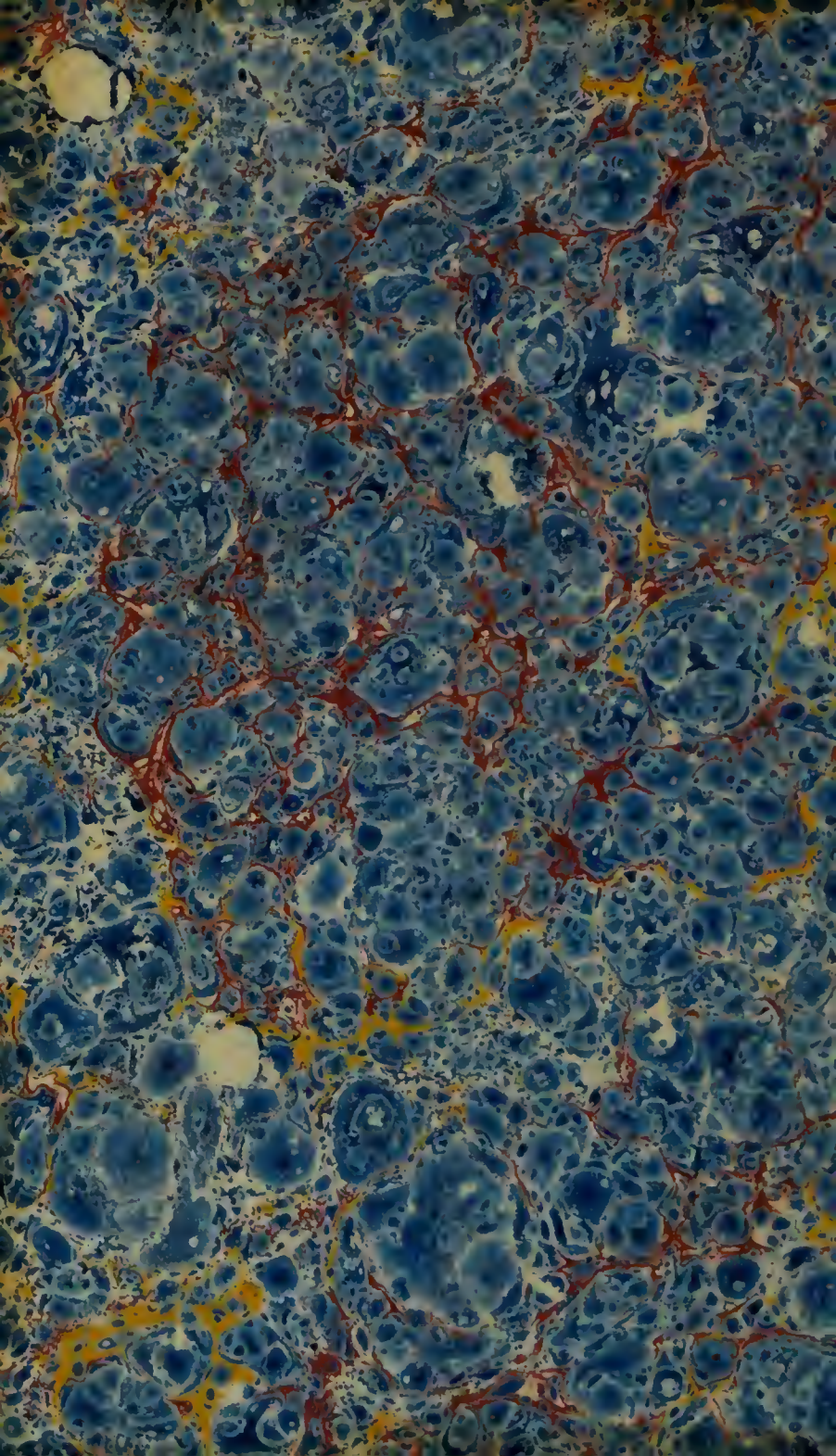
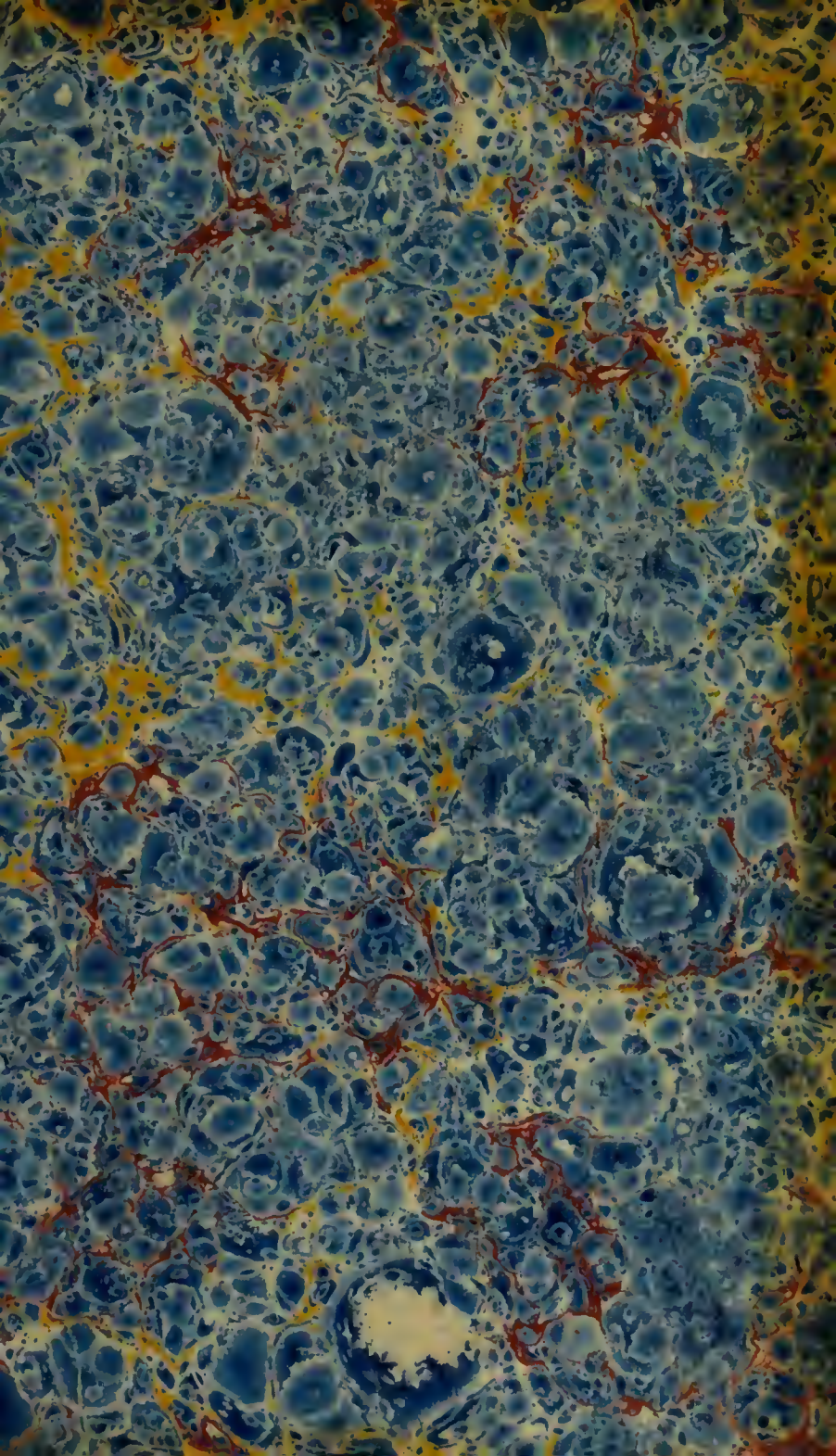




1945/B

CURRIE (JAMES)
2

55156

METHODO
DE CURAR O TYPHO
OU
FEBRES MALIGNAS
CONTAGIOSAS PELA EFFUSÃO
D'AGUA FRIA:
AO QUAL SE AJUNTA
A THEORIA DO TYPHO
SEGUNDO OS PRINCIPIOS
DA
ZOONOMIA,
A EXPLICAÇÃO DO MODO
DE OBRAR DA EFFUSÃO FRIA,
E
HUMA CARTA
AO
D.R JAMES CURRIE
COM
OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES
SOBRE AQUELLE METHODO

POR
BERNARDINO ANTONIO GOMES,
MEDICO D' ARMADA E DO HOSPITAL REAL DA MARINHA, E CAPITÃO DE FRAGATA GRADUADO.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA DA ACAD. R. DAS SCIENCIAS.
ANNO 1806.
Com Licença do Desembargo do Paço.

Fortunate medebitur qui remedii exhibendi occasiones sagax captat.

Stoll Rat. Med. t. I. pag. 101.

AO ILLUSTRISSIMO
E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

JOÃO RODRIGUES DE SÁ E MELLO,

VISCONDE E SENHOR D' ANADIA, ALCAIDE MÓR DE CAMPO MAIOR, COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO, CONSELHEIRO DE ESTADO, MINISTRO, E SECRETARIO DE ESTADO DA REPARTIÇÃO DA MARINHA E DOMINIOS ULTRAMARINOS, PRESIDENTE DO CONSELHO DO ALMIRANTADO, E DA REAL JUNTA DA FAZENDA DA MARINHA, SOCIO HONORARIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, E DA SOCIEDADE ECONOMICA DE LONDRES.

COMO CHEFE DA CORPORAÇÃO DA MARINHA, A CUJO BENEFICIO FOI PARTICULARMENTE ESCRITO ESTE OPUSCULO, E COMO QUEM DESEJA TANTO A PROSPERIDADE DO SERVIÇO NAVAL, QUE FAZ POR ELLA EXEMPLARES SACRIFICIOS, ETC.

O PRESENTE OPUSCULO

REVERENTE DEDICA

O A.

PREFAÇÃO.

TENDO sahido de Lisboa na Esquadra, que em 1797 se expedio para o Brasil, não foi senão em 1800, em que voltei a esta Capital, que me vierão á mão os *Medical Reports*, etc. do Dr. James Currie. Lendo então, ou já depois de huma campanha maritima, esta Obra, fez-me huma extraordinaria impressão a simplicidade, e contestada efficacia do methodo, que aquelle sábio e experimentado Medico divulgava, de curar o typho pela effusão d' agua fria. Appresentando-se-me successivamente á lembrança a frequencia dos typhos a bordo dos Navios de Guerra, o perigo, e indole contagiosa desta febre, a grande difficuldade, por não dizer impossibilidade, de evitar abordo de hum Navio de Guerra o contagio; em fim a carestia, e lenta efficacia dos soccorros

que

que se achão a bordo dos Navios para debellar huma epidemía desta qualidade ; e considerando por outra parte a perenne occurrencia, e portentosa efficacia do simples meio , que se emprega n'aquelle methodo; assentei que eu faria hum serviço muito importante ao meu Paiz , se verificasse , e introduzisse a bordo dos nossos Navios aquelle methodo.

Nesta persuasão desejava anciosamente ter occasião de fazer a bordo delles alguns dos meus ensaios. Em 1802 offereceo-se-me esta. Grassava então na Esquadra Portugueza , que havia sahido a cosso para o Estreito de Gibraltar , huma sorte de typho , que a tinha reduzido a não poder sahir do ancoradouro daquella Praça. Por este motivo fui mandado para a dita Esquadra onde puz em pratica o methodo mencionado, na fórma, e com o successo, que adiante se verá na Carta , que escrevi ao D.r Currie.

A-

Apezar dos meus felizes successos, e ainda que os meus ensaios forão numerosos, e praticados a bordo de hum Navio, que servia de Hospital da Esquadra, e além disto presenciados por hum 1.º, e varios 2.os Cirurgiões da Esquadra; não fiquei com esperanças de ser imitado, ou de vêr a nova pratica estabelecer-se na nossa Marinha, porque nenhum daquelles Cirurgiões tinha conhecimentos de Medicina sufficientes para distinguir hum typho de outra qualquer febre, nem curiosidade bastante para ficar sabendo em que circunstancias tem lugar aquella pratica.

Para estabelecer pois na Marinha Portugueza o uso da effusão, ou d'ablução fria no typho, e para melhorar em muitos outros pontos o serviço naval na repartição medico-cirurgica, propunha-me escrever a historia daquella epidemía, discutir as causas, e expôr o methodo curativo, e outros

me-

meios pelos quaes em pouco mais de dois mezes consegui extinguilla absolutamente.

Começava apenas a colligir, e a arranjar as minhas observações, quando motivos, que escuso referir, e que me enchêrão de disgosto, e de indignação, me fizerão largar mão do projectado trabalho.

Neste tempo o meu amigo D.r Baeta mostrou-me huma Carta do D.r James Currie, em que este informado da minha pratica no Estreito, lhe pedia a communicação das minhas observações sobre os effeitos da effusão fria. Isto deo occasião á carta adiante transcrita, da qual o D.r Currie não julgou inutil dar hum extracto na 3.ª edição dos seus *Medical Reports*.

Quando escrevi esta carta, eu não tinha a menor tenção de a publicar; mas observando depois que a pratica da effusão e da ablução fria não era conhecida de muitos Medicos Nacio-

na-

naes, e nada ou muito pouco era usada pelos que a não ignorão; e suspeitando que o que desvia estes da nova pratica he o receio que inspira a novidade, e estranheza della; emfim recordando-me das reflexões que fiz, quando lí a obra do D.r Currie, e que referi no principio desta prefação, assentei de publicar a carta acima mencionada por me persuadir, que ella podia contribuir para se vulgarizar em terra, e se vir a usar a bordo dos nossos Navios a inapreciavel pratica da effusão, e da ablução fria.

Para se realizarem mais facilmente as minhas vistas, pareceo-me muito conveniente: 1°. dissipar os prejuizos populares, mostrando que o uso extreno da agua fria nas febres não he huma pratica nova, que antes he tão antigo como a Medicina, e que tem sido mais ou menos adoptado em quasi todos os tempos, e em quasi todos os Paizes; 2.° dar huma idéa precisa do me-

methodo da effusão; 3.° supprir a falta de conhecimentos da maior parte dos Cirurgiões da Marinha, expondo os caracteres do typho; 4.° transcrever Historias de doentes de typho tratados pela effusão fria; 5.° dar a theorica do typho segundo os novos e verosimeis principios da Zoonomia, e mostrar como obra a effusão, e a ablução fria; 6.° e ultimamente transcrever a mencionada carta ao D.r Currie.

Eis-aqui as particularidades, que julguei necessario communicar ao Leitor, para fazer melhor juizo deste opusculo. Tenho ainda a acrescentar, que pelo que toca á parte theoretica eu não dou por verdades demonstradas as proposições, que procuro sustentar; dou-as, como as tenho, por opiniões mais verosimeis, porque estou mais e mais persuadido, que as theorias Medicas he o que há de mais imperfeito, ou menos satisfatorio em todas as obras de Medicina, e que até não póde haver

por-

por ora huma perfeita theoria Medica, porque os nossos conhecimentos sobre as funções do Cerebro, e Nervos, sobre a acção immediata das potencias morbificas, e sanativas, etc. são ainda muito inexactas, para poderem fornecer os fundamentos necessarios áquella theoria.

CAPITULO I.

Noções historicas sobre a applicação externa d' agua fria nas febres.

A Applicação externa d' agua fria no tratamento das febres parecerá a muitos huma novidade em Medicina tão estranha e perigosa, quanto he dissonante aos prejuizos, que mal entendidos phenomenos vitaes occasionarão, e que a pratica vulgar, e o tempo tem radicado: nada todavia he menos novo, pois he facil mostrar, que ella tem tido sempre mais ou menos uso desde a infancia da Medicina até os nossos dias.

Nas obras do celebre Hippocrates, que falleceo 375 annos antes da Era Christãa, e que se considera o Pai da Medicina, acha-se que este admiravel Medico mandava applicar ás partes

tes mais quentes dos febricitantes panos molhados em agua fria (Currie *Medical Reports on the effects of water &c. p.* 228. *third. edit.*). (*)

Musa, Grego de Nação, o qual exer-

(*) No Indostão ou Mogol os Bramines, descendentes dos antigos Brachmanes, costumão ser expedidos todos os annos de certos collegios para correrem as diversas Provincias deste Imperio, e inocularem as Bexigas. Elles fazem esta operação em qualquer parte do corpo, mas o que se faz notavel, he que costumão applicar aos inoculados agua fria por effusão desde o dia proximo seguinte ao da inoculoção, até se manifestar a febre variolosa; então interrompem esta pratica, a qual reiterão desde que apparecem as Bexigas (*The Philosophy of Medicine Vol. IV. p.* 169.). Ora como a inoculação das Bexigas he, segundo a tradição, e como insinua o particular estilo do tratamento mencionado, hum costume immemorial no Indostão (ibid. p. 166.), não he inverosimil que o uso externo d' agua fria nas enfermidades febris seja anterior ao mesmo Hippocrates, e que este, ou os seus compatriotas o aprendessem dos Asiaticos.

exerceo a Medicina em Roma pouco antes da Era Christãa, fez-se celebre por curar Augusto de huma febre lenta, segundo presumem alguns, por meio de banhos frios (Bianchini *Med. d'Asclepiad. p.* ...)

Celso, Medico Romano, o qual escreveo a sua bella obra *de Re Medica* no principio da Era Christãa, diz que em casos de febre lenta sem remissão, e nas exacerbações da febre ardente, se hão de refrigerar os doentes applicando-lhes externamente azeite anaçado com agua, ou pondo-lhes sobre o estomago folhas de parra molhadas em agua (ibid. p. 126., e 128. Edit. Valart.)

Archigenes, natural da Syria, e que praticava a Medicina em Roma no principio do segundo Seculo, não tinha receio, segundo diz Ælio, de applicar á cara, e peito no maior calor da febre ardente huma esponja molhada em agua fria (Ætius *de Re Med.* l. 3. Cap. 180).

Ga-

Galeno em fim, que floreceo pelo cabo do segundo Seculo, e que foi hum dos mais celebres Medicos da antiguidade, não só usou da agua fria nas febres, mas applicou-a de hum modo muito mais activo do que era o dos seus predecessores. Nos casos de febre ardente não se limitou a epithemas, ou abluções parciaes; muitas vezes prescreveo o banho frio, de que obteve os maravilhosos effeitos, que erão de esperar-se de hum remedio tão activo applicado opportunamente (Currie ibid. p. 104).

Depois de Galeno, tendo a Medicina experimentado a mesma sorte, que tiverão todas as outras sciencias com a irrupção, e comquistas dos Vandalos, Godos, Sarracenos etc, com a tomada de Alexandria, que era então a principal escola de Medicina; emfim com a queima de 700 ⓓ volumes, que compunhão a sua famosa Bibliotheca, he verosimil, que

o uso externo d'agua fria nas febres, pratica que sem discernimento póde ser muito nociva, cahisse, e ficasse em desuso durante os calamitosos Seculos, em que a Europa, e o Egypto, dominados pelos Barbaros, se barbarizárão, e estiverão cobertos das trevas da ignorancia.

Todavia no Sayd ou alto Egypto, onde provavelmente não chegárão, ou forão menos notaveis as influencias dos Barbaros conquistadores, não se extinguio aquella boa pratica, porque segundo refere o sábio viajante M.r Savary, os habitantes do Sayd costumão curar-se da febre ardente com dieta, bebendo muita agua, e banhando-se no Rio (Currie ibid. p. 555.). Na Persia, segundo refere Chardin, tambem ainda estava em uso no Seculo XVII (Currie ibid. p. 560.), e conserva-se, segundo Bruce, na Nubia, Absinia, e costas do Mar vermelho (Currie ibid. p. 569 e 570.).

Em quanto á Europa, he provavel que no Seculo XIII, em cujo principio as Obras de Galeno se havião trasladado em Latim, e muito mais no Seculo XV, em que, tomada a Grecia pelos Turcos, os sábios deste Paiz emigrarão para Italia, e para França, e forão fazer reviver nestas regiões as doutrinas de Hippocrates, he provavel que novamente se fizesse uso externo d'agua fria nas febres. O que não soffre duvida he, que esta pratica, a qual, ou por se não ter regulado bem, ou talvez mais por effeito das falsas theorias, que tem damnado a Medicina, não pôde recuperar, desde a restauração das letras até os nossos dias, nem a voga, nem o vigor, de que gozou, teve todavia neste intervallo mais ou menos uso até mesmo na pratica dos Medicos Portuguezes.

O D.r Amado Lusitano, que vivia meiado o Seculo XVI, e que exerceo com gloria a Medicina em Portugal,

na

na Hollanda , na Italia , e na Turquia , imitando a Galeno , curava as febres hecticas , empregando entre outros meios o banho tepido d'agua fervida com malvas e outros vegetais equivalentes , e mandando derramar agua fria sobre o doente , quando sahia do banho (Cent. III. Cur. 1. e Cent. V. Cur. 4.).

O D.r João Curvo Semedo nas suas *Observações Medicas Doutrinaes* , impressas em 1706 , faz menção de ter curado varios doentes de febre ardente » só com os deitar em col- » chões de odres cheios d'agua fria » de cisterna » (Obs. XC. §. 3.).

O D.r Francisco da Fonseca Henriques , mais conhecido pelo nome de Mirandella , hum grande Medico sem duvida para os seus tempos , e por isso bem digno das honras , que teve , de Medico supranumerario do Senhor D. João V , aconselha na sua *Medicina Lusitana* , reimpressa em

Amsterdão em 1731, a applicação externa d'agua fria no synocho podre, na febre ardente, e em alguns casos de febre hectica. Nas duas primeiras enfermidades manda pôr nos testiculos panos molhados em hum epithema frio feito d'agua d'Azedas, da de Golfãos, e da de Lingua de vaca, de cada huma 4 onças, e de vinagre rosado ou çumo de limão huma onça, i. h. de 12 onças d'agua, e 1 de vinagre ou çumo de limão (*Med. Lusit.* P. 3. Cap. 5. §. 15. e Cap. 6. §. 18.).

Na febre hectica quando o calor he tal, que se não modera com banhos d'agua tepida, manda, á imitação de Mercado, encher a meio dois odres d'agua fria, e fazer sobre elles huma cama, na qual ha-de jazer o doente huma hora de manhãa, e outra de tarde, virando-se de todos os lados, para se refrescar por toda a parte (*Med. Lusit.* P. 3. Cap. 9. §. 29.). Dos salutares effeitos desta pratica a-

cha

acha-se hum exemplo no seu *Apiarium Medico-chimicum* Cent. 4. obs. 86.

Pelo que acabo de referir dos tres Autores Portuguezes, e porque os nossos Medicos Antigos, ou anteriores á reforma da Universidade de Coimbra, erão muito Galenistas, he verosimil que o uso externo d' agua fria nas febres estivesse em uso em Portugal, talvez até que as doutrinas de Boerhaave forão adoptadas, e dessiminadas entre nós pela Universidade de Coimbra.

Em quanto aos Paizes Estrangeiros, acha-se que em 1737 o D.r De Hahn fez hum grande uso d' agua fria por ablução em huma epidemía, que grassou em Breslaw na Silezia. São maravilhosos os successos, que refere ter obtido por esta pratica; colligе-se todavia da sua Dissertação (Currie p. 78.) que elle não conhecia assás as circunstancias, em que o uso externo d' agua fria he salutar e sem perigo nas febres.

Em

Em 1771 o D.r Samoelowitz applicou-a em estado de neve a muitos dos enfermos de peste, que então grassava em Moscow. Por meio de fricções glaciaes, que mandava fazer uniformemente por todo o corpo quando o empestado era robusto, e menos pelo tronco que pelas extremidades quando era muito debil, salvou muitos, que parecião irremediaveis (*Elem. de Med. Prat. de M.r Cullen traduits par M.r Bousquillon* §. 694 (a)).

Quasi pelo mesmo tempo o D.r Jackson tratava as febres na Jamaica pelo uso externo d'agua fria (*Medical and cirurg. Review.* N.° LXII. Art. XVIII.).

Tendo depois vindo ás mãos do D.r Gregory, actual Professor de Medicina em Edimburgo, hum manuscrito do D.r Jackson sobre as febres da Jamaica (*Med. and Cirurg. Review. l. c.*), começou aquelle sabio Professor a applicar externamente a agua fria nas febres. O seu methodo consistia em man-

mandar lavar, pelo menos duas vezes no dia, os doentes de typho por meio de huma esponja molhada em huma mistura fria d'agua, e vinagre: por este meio, que era tanto mais efficaz, quanto mais cedo se empregava, obrava prodigios ainda mesmo no progresso da febre, quando hum pulso muito frequente, o delirio, pintas, e outros perigosos symptomas presagiávão hum exito funesto (Curr. *Med. Rep. Append.* p. 46 e 47. sec. edit.)

O D.r William Wright, vendo em Edimburgo aquella feliz pratica do D.r Gregory, que outros Medicos já alli tinhão adoptado, e tendo-a elle mesmo experimentado, e seguido por algum tempo (Curr. L. c.), innovou-a depois, dando-lhe hum novo, e extraordinario gráo de actividade (*).

Em

(*) Apesar das pretenções apparentemente bem fundadas do D.r Jackson (*Med. and Cirurg. Review* N.º LXII. Art. XVIII.), attribuo aqui ao D.r Wright a invenção do me-

Em lugar da ablução Gregoryana começou em 1777 a usar d'agua salgada por effusão, i. h., fazendo derramar huma boa porção della sobre o corpo do doente nú (Curr. *Med. Rep.* p. 3. e *App.* L. c.)

Os prosperos successos que o D.r Wright obteve por esta pratica, e de que dá conta no *London Medical Journal* 1786, nos *Medical Facts and Observations* 70, e nos *Annals of Medic. v.* 2., fizerão varios prosélytos da nova pratica, tanto nas Indias occidentaes, como em Inglaterra. Os primeiros deste Paiz forão os D.res Brandre-

---

thodo da effusão, já porque elle foi o primeiro que o fez conhecer ao público, já porque elle podia não ter conhecimento do manuscrito do D.r Jackson, apesar deste ter hido ás mãos dos Professores Cullen e Gregory, em fim porque, segundo attesta o D.r Currie (*Med. Rep.* V. 2.º p. 580.), o D.r Wright já tinha usado da effusão nas Bexigas em 1774 ou antes de poder ter noticia do manuscrito do D.r Jackson.

dreth, Gerard, e Currie, Medicos residentes em Liverpool, os quaes, logo que tiverão noticia do methodo de Wright, o puzerão em pratica, e com tão bom successo, que *a nova pratica se fez vulgar naquella Cidade, e commum no Condado de Lancaster* (Curr. *Med. Rep.* Pref. p. VI. e VII.).

O D.r Currie porém não se limitou a ser hum mero imitador do D.r Wright; dotado de talentos capazes de adiantar a Medicina, e conhecendo que hum remedio activo póde ser tão damnoso, quando applicado incompetentemente, como he salutar, quando se prescreve a proposito; procurou determinar as circunstancias em que o methodo de Wright, e em geral o uso d'agua fria he seguro, e salutar nas febres. Os numerosos ensaios que fez assistidos do espirito observador, e filosofico que o caracterizão, produzirão a mencionada luminosa obra *Medic. Reports* etc, a qual tornando huma

ma das enfermidades mais terriveis e mais funestas, o typho, ou febres malignas, tão facil de superar-se e mais que as sezões ou febres intermittentes, deve considerar-se como hum monumento dos grandes progressos que sem duvida tem feito modernamente a Medicina.

Depois da publicação desta obra, que já tem tido trez edições, e cuja segunda edição tem sido trasladada em Francez, e em Alemão, creio que a pratica da effusão, e a da ablução fria no tratamento do typho, por toda a parte se vai generalizando á proporção que he conhecida a mencionada obra. Em Inglaterra já tem huma grande generalidade, e he de esperar que em toda aquella illuminada Nação em breve se torne até familiar, por que novas observações feitas em differentes Hospitaes, nos Navios de Guerra, e na pratica particular de diversos Medicos, diariamente, e por toda a parte augmentão o credito della. Em diversas

par-

partes das Indias occidentaes tambem tem sido adoptada por alguns praticos, e onde se tem usado competentemente, tem sido sempre salutar (Currie *Med. Rep.* V. 2. p. 579 e seg.tes). Em quanto a Portugal, creio que muito poucos Medicos a tem experimentado; o que attribuo a não ter ainda apparecido neste Paiz a edição Franceza da obra do D.r Currie, e a muito poucos terem a edição Ingleza. Dos Portuguezes que tem feito uso da effusão fria sou eu hum (veja-se no fim a minha carta ao D.r Currie)(*). O meu amigo D.r Baeta disse-me, que tambem já tinha tratado felizmente dois casos de typho, usando da

(*) Eu tenho applicado externamente a agua fria nas febres não só na epedemia da Esquadra de Gibraltar, mas posteriormente no Hospital da Marinha, e recentemente no Hospital Militar de Xabregas. Deixo para outra occasião a relação do que nelles observei, apenas aqui direi que nenhum dos febrecitantes em que mandei fazer ablução fria, faleceo ou deixou de sentir beneficio.

da effusão fria. Consta-me tambem que o D.r Manoel Luiz Alves de Carvalho já applicou em hum caso febril a agua e vinagre pelo methodo do D.r Gregory, e que conseguira por este meio diminuir o delirio, e a febre. He quanto sei da pratica actual dos Medicos meus compatriotas relativamente ao uso externo d'agua fria no tratamento das febres.

Da historia, que acabo de fazer, he manifesto, que o uso externo d'agua fria nas febres he antiquissimo; que nelle nada ha de moderno senão o methodo do D.r Wright, e as sábias regras do D.r Currie; emfim que pelos testemunhos de viajantes sábios, e de Medicos de todos os tempos, e de diversos Paizes he incontrastavel a virtude antefebril da agua fria applicada externamente, e que no typho usada por effusão ou ablução segundo as regras do D.r Currie, he o mais heroico remedio que se conhece.

CA-

CAPITULO II.

Dos caracteres do typho.

ESta febre, segundo o D.r Cullen, he „ *huma doença contagiosa, na qual o calor do doente pouco passa do natural, o pulso he pequeno, debil, e em geral frequente, a urina quasi natural, as funções do sensorio mui perturbadas, as forças mui prostradas* (Nosol. Cl. I. G. V.).

Esta elegante descripção, que o D.r Currie acha assás exacta (*Med. Rep.* p. 16.), he nimiamente laconica para fazer conhecer a muitos dos que praticão a Medicina o que he hum typho; e como muitos destes tem frequentissimas occasiões de o tratar, não será inutil fazer aqui hum commento á referida descripção.

Segundo ella o primeiro symptoma caracteristico do typho he ser con-

ta-

tagioso ; por esta razão huma das primeiras indagações, que se devem fazer para conhecer o typho, he se o febricitante se expoz á contagião de outros doentes desta febre (Pringl. *Malad. des Armeés* , t. 2. p. 89.). Todavia ainda que se não verifique o ter sido produzida por contagio a febre , que se quer reconhecer , não se deve logo concluir, que não he hum typho, porque este tambem se origina muitas vezes da simples residencia de muitas pessoas, principalmente sendo immundas ou doentes, em hum pequeno espaço falto de aceio , e de ventilação (Cull. *Elem. de Med.* §. 81. (a).) ; daqui vem ser tão frequente nas Prisões e Hospitaes (Pringl. *Malad. des Arm.* t. 2. p. 85.), nos Navios mal disciplinados , principalmente se tem grandes tripulações, ou levão muita gente de transporte (id. ibid. e p. 184.) ; nas casas dos pobres (Curr. *Med. Rep.* p. 16.), etc.

O

O 2.° *he ser o calor do doente pouco mais que o natural.* Para se entender isto cumpre saber que o calor natural do corpo humano em estado de saude, ou o calor animal, he de 98.° pela escala de Fahrenheit. No typho ordinariamente se acha maior alguns gráos, raras vezes porém passa de 105.° (Curr. *Med. Rep.* p. 246.). Este excesso de calor observa-se principalmente no typho grave; no typho moderado, ou febre lenta nervosa, o calor mui frequentemente se observa, em todo o progresso da febre, inferior ao natural (Wilson. *A Treat. of Feb. Dis.* vol. 1.° p. 16.).

He necessario tambem advertir, que o calor febril não he constantemente o mesmo desde o principio da febre até o fim. O typho começa como as outras febres, por calefrios, ou huma sensação mais ou menos forte de frio, durante a qual o calor he geralmente menos que o natural (Wilson

l. c.); ao frio segue-se o calor febril, o qual, passado mais ou menos tempo, remitte, e he algumas vezes seguido de novos calefrios, e de hum paroxismo semelhante ao precedente; desorte que parece a febre huma intermittente (Lind. *Mem. sur les Fievres* p. 13.); commumente porém depois de se manifestar o calor febril, não há mais verdadeiros paroxismos, apenas há exacerbações ou crescimentos vespertinos sem preceder frio, e remissões matutinas commumente sem suor geral (Pringl. *Malad. des Arm.* t. 2.° p. 100. Huxam *Essai sur les Fiev.* p. 89.); por conseguinte há sempre mais ou menos calor preternatural na pelle, mais notavel e geral no typho grave (Hux. *Ess.* etc. p. 112. Zoon. Cl. II. 1. 3. 1.), e frequentemente irregular e parcial no typho moderado, ou febre nervosa (Hux. *Ess.* etc. p. 90.) (*). Daqui se collige, que

(*) » Não he raro nas febres malignas,

que o calor febril ha-de ser maior no auge das exacerbações, que nas remissões; igualmente que ha-de ser maior em quanto há mais forças no doente, ou pelos primeiros oito dias, que depois no progresso, em que ás vezes he menos que o natural (Curr. *Med. Rep.* p. 11. 18. 42.). Este continuo calor cutaneo he ordinariamente acompanhado de secura de pelle (Pringl. *Malad. des Arm.* t. 2.° 93.), e tem esta notabilidade nos peores casos, que parecendo moderado ao primeiro toque, se se demorão os dedos sobre a pelle do doente, excita nelles certa sensação de dor segundo a expressão de Pringle (Obr. c. t. 2.° p. 93.), e de acrimonia ou mordicação segun-

C do

» particularmente nas dos Paizes quentes, » ser a temperatura das extremidades infe- » rior á natural, e ao mesmo tempo sen- » tir-se no peito e outras partes do tronco » hum calor ardente » (Wilson *A Treat. on Feb. Dis.* V. 1. p. 345.).

do Laguna (id. l. c.), Moore, Huxham, Frank, e Wright (Wilson *A Treat. on Febr. Dis.* V. 1. p. 342.)

3.° *Pulso pequeno, debil, e em geral frequente.* Tal he ordinariamente o pulso no typho moderado ou febre nervosa, i. h. no typho quando o doente he de constituição frouxa, ou tem sido mal alimentado, ou innanido; nestas circunstancias até he irregular (Hux. *Ess.* etc. p. 90); nas pessoas porém robustas o pulso he frequentemente forte (Pringl. *Malad. des Arm.* t. 2. p. 90) pelo menos nos primeiros dias e muito mais nas exacerbações; todavia esta fortaleza de pulso não dura muitos dias, mais cedo ou mais tarde torna-se este debil (id. ibid.), o que se deve ter muito em lembrança, pelo muito que he attendivel na pratica.

O D.r Darwin diz que o typho grave, ou a febre *sensitiva inirritada* se póde distinguir do typho moderado

ou

ou da sua febre *inirritativa* pelo pulso, o qual naquella he debil, mas com certa dureza que se não observa nesta. He difficil para quem não tem bastante experiencia distinguir esta dureza, e não he mais facil o descrevella; assemelha-se á de huma corda de tripa hum tanto estendida, e constitue o que alguns chamão pulso rijo; o qual differe do pulso duro em ser aquelle hum pouco duro e pequeno, e este duro e cheio.

He para notar, que o D.r Cullen diz que o pulso no typho *he em geral frequente*. Daqui se collige, que a frequencia do pulso não he inseparavel do typho; e com effeito » nas febres » malignas a frequencia do pulso mui- » tas vezes não he maior, e algu- » mas vezes he menor que a natural. » Nestas febres tem-se achado bater » o pulso só 40, e algumas vezes » apenas 30 vezes por 1. » Wils. (Obr. cit. V. 1. p. 17 e 338 *),

J. P. Franck (*De Cur. Hom. Morb.* t. 1. §. 83 e 91.) , Fordyce (*Dissert. on simple Fever* p. 17.): commumente porém o pulso no progresso do typho he muito mais frequente que o natural (Wils. l. c. p. 338.) ; he muito ordinario achar-se com mais de 130 pulsações por 1′. (*Zoon.* Cl. I. 1. 1. 1.).

Cumpre porém aqui advertir , que pulso frequente he huma expressão medica relativa , e quer dizer pulso mais frequente que o natural ; por conseguinte para se fazer idéa da frequencia febril do pulso , he necessario comparalla com a frequencia natural , ou com a que o pulso do doente costuma ter em saude. Assim o pulso de 130 deve reputar-se muito frequente nos adultos , cujo pulso natural he commumente de 60 a 70 (Burser. *Inst. Med.* V. 1. §. LX.) ; mas como a frequencia natural do pulso diversifica em alguns adultos , e nas diversas idades , he ma-

ni-

nifesto que hum pulso de muito menos de 130 pulsações por 1′, póde ser muito frequente, v. g. em huma pessoa, cuja frequencia natural de pulso he muito menos de 60; inversamente, que 130 pulsações podem indicar huma mediocre frequencia, v. g. nas tenras idades, em que o pulso natural he de mais de 60, e em alguns adultos que em boa saude tem 80, 90, e mais pulsações por 1′, (Burs. l. c.). Daqui se collige quanto he vantajoso que o assistente de hum doente conheça a frequencia natural de seu pulso; todavia se he vantajoso, não he de absoluta necessidade, porque o que não ignora estas particularidades do pulso, não julga só por elle do gráo da febre, attende juntamente aos symptomas concomitantes.

Assim vendo eu hum Marinheiro no Hospital da Esquadra do Mediterraneo, que se mostrava anciado, e que tinha a côr do rosto incendiada,

ca-

calor preternatural na pelle , boca seca etc. , reputei-o febrecitante a pesar do pulso não passar de 60, e sem me esquecer que nos Marinheiros há algumas vezes molestias ficticias : com effeito não me enganei , porque este doente depois de se restabelecer tinha 36 pulsações por 1′. Ha pouco observei no Hospital Real da Marinha outro caso semelhante em que o sujeito, quando febricitante , não chegava a ter 70 pulsações por 1′ , e quando restabelecido tinha 42. A' excepção porém de semelhantes casos que naõ são muito frequentes , póde-se julgar do gráo da febre , suppondo em geral o pulso dos adultos , como eu o supponho pela minha observação , e pela autoridade de Burserio (L. c.) e de Duplanil (*Med. Domest.* V. v. p. 431.), de 60 a 70 pulsações por 1′, isto he de manhãa , antes de comer e de andar , estando o sujeito assentado, com o espirito tranquillo, e tendo

do dormido sufficientemente. Já disse que na tenra idade o pulso natural he mais frequente ; segundo Burserio (l. c.) tanto na infancia , como na puericia he de 80 a 90 ; segundo outros porém (Falconer *Observ. respecting. the pulse* p. 15.), e quanto a mim , na infancia , ou até 2 annos de idade frequentemente se acha de 90 a 120. Nas mulheres delicadas , ainda que adultas , o pulso natural costuma ser mais frequente que nos homens. Nos velhos he commumente menos frequente que nos adultos ; segundo Burserio (l. c.) he de 50 a 60 , o que he assás coherente com as observações de Senac (Falconer p. 18.).

4.° *Urina quasi natural.* Ordinariamente a urina nesta febre he pallida , clara , e sem sedimento , particularmente no typho moderado (Huxh. Obr. c. p. 91.) ; não he porém constantemente desta sorte , principalmente no typho grave , no qual he ás vezes

aver-

avermelhada (Pringl. Obr. c. t. 2. p. 91. Huxh. Obr. c. p. 115.), outras vezes deposita sedimento latericio ou branco (Wils. V. c. p. 347.)

5.° *Funções do sensorio mui perturbadas.* Os doentes de typho experimentão na cabeça muitos symptomas morbosos. Hum dos primeiros he certa fraqueza de espirito ou das faculdades intellectuaes (Pringl. Obr. c. t. 2. p. 96.); outro muito constante he a dor de cabeça (id. ibid. p. 88 e 90. Huxh. Obr. c. p. 112.) e zunido de ouvidos (Huxh. p. 91, 112, e 113.). O sono no principio he interrompido e sem prazer (Pringl. l. c.), depois ha vigilia quasi continua (id. p. 95). Os olhos parecem como inflammados (Pringl. t. 2. p. 95., Huxh p. 112. Curr. p. 12); em huns sobrevem delirio (Huxh. ibid· Curr. p. 11.), em outros coma e surdez (Pringle l. c. Curr. l. c.); estes dois symtpomas são mais frequentes no typho grave, assim como o delirio he ma-

mais ordinario no typho moderado (*Zoon.* Cl. II. 1. 3. 1.).

6.° *Forças muito prostradas.* Este he hum dos symptomas mais caracteristicos do typho, porque não he tão notavel nas outras especies de febre (Blane *Disaeses of Seamen* p. 342.) de sorte que só por elle se podem reconhecer os casos mais benignos; assim se a ligeiras dores de cabeça, lingua esbranquiçada, falta de appetite, e outros ligeiros symptomas febris, se reunir hum desproporcionado estado de languor, não se enganará o que tomar huma tal enfermidade por hum typho (Pring. Obr. c. t. 2. p. 103). Em consequencia desta prostração de forças, ou languor, observa-se no doente indifferença para tudo (Huxh. obr. c. p. 89.) e grande desejo de estar deitado. Este mesmo languor, ou moimento febril he acompanhado de dores pelas costas (Huxh. Obr. c. p. 113. Pringl. Obr. c. t. 2. p.

90.), e frequentemente de tremor de mãos, e até de lingua; todavia estes dois symptomas de grande debilidade nem sempre se encontrão com ella (Blane l. c.). Quando pelo progresso do typho augmenta a debilidade, manifesta-se esta mais pela continua posição de costas, pela inadvertida evacuação alvina, pelos sobresaltos dos tendões, pelas pintas (*petechiæ*), pela respiração alta, pela carphologia etc.

Aos symptomas até aqui mencionados devem tambem ajuntar-se aquelles, com que começa o typho, como fastio, ou falta de appetite (Pringl. Obr. c. t. 2. p. 88.), muitas vezes huma sensação particular e desagradavel no estomago (Wilson. Ob. c. V. 1. p. 327.), algumas vezes nausea (id. ibid. Pringl. t. c. p. 90), e até vomitos biliosos (Huxh. Obr. c. p. 113.), mais ou menos sêde (id. p. . . . Pringl. t. c. p. 94.), lingua branca (id. p. 88. Huxh. p. 114.), a qual ás vezes se con-

conserva humida durante toda a febre, mas neste caso faz-se avermelhada, ou amarellada (Pringl. Obr. c. t. 2. p. 94.) ; cummumente porém seca-se no decurso da febre , tornando-se primeiramente avermelhada e aspera pelo meio , depois faz-se toda denegrida e até inflexivel (Huxh. p. 114.) ; os dentes então observão-se sordidos, denegridos, e até lustrosos ; e nestas circunstancias a sêde he ás vezes bem pouca ou nenhuma. O ventre em taes doentes he commumente remisso (Pringl. t. c. p. 95.), alguns porém (Zoon. sup. I. 13.) , principalmente para o fim , tem até diarrhéa (Pringl. t. c. p. 92.); o meteorismo não raras vezes acompanha , já esta diarrhéa , já aquella dureza de ventre , e em ambos os casos he sempre hum mui sinistro symptoma.

CAPITULO III.

Dos requisitos necessarios para ser proveitosa no typho a effusão d' agua fria.

PAra se fazer proficuamente e sem perigo a effusão, ou outra qualquer applicação externa d' agua fria no typho, cumpre 1.° que o doente não esteja com sensação alguma de frio; 2.° que o calor cutaneo seja mais que o natural; 3.° que não haja suor (Curr. *Med. Rep.* p. 17.).

Daqui se segue que a applicação externa d' agua fria não deve praticar-se no principio da febre, ou das exacerbações, quando estas começão por calefrios, ou outra qualquer sensação de frio, e isto ainda que o calor do doente observado pelo thermometro, fosse maior que o natural. Não póde mesmo praticar-se com muita confiança

no

no progresso ou auge dos crecimentos febris, por maior que seja o calor do doente, se este ainda então for, o que he raro, tão sensivel ás impressões do frio sobre a pelle, que as mais ligeiras lhe causem horripilações, ou sensação desagradavel; por quanto segundo a experiencia do D.r Currie em huma singular especie de typho, descrita por elle (*Med. Rep.* p. 46. 51.), e caracterizada por extraordinaria agudeza de todos os sentidos, por extraordinario calor (107°. e 108.° Fahrenheit), e ao mesmo tempo por muita sensibilidade ao frio, a applicação externa d' agua fria por effusão foi infructifera, não o sendo menos todos os mais conhecidos methodos de debellar os typhos (id. ibid.) (*).

Da

(*) M.r Dalrymple de Norwich refere hum caso desta especie de typho em que a effusão fria foi salutar (*Med. Rep.* p. 409.). Este feliz successo em huma molestia que a

Da 2ª. clausula se collige que sendo o calor do doente o mesmo, ou menos, que em saude, como se observa em alguns casos desde o principio até o fim (Cap. II. §. 4.) e na maior parte pelos ultimos periodos do typho (ibid.), ainda que não haja sensação alguma de frio, não convem o uso externo d' agua fria. Antes pois de recorrer a este remedio, cumpre indagar o gráo de calor do febricitante.

Pa-

---

despeito de todos os outros remedios costuma ser funesta, deve, não obstante os infaustos successos do D.r Currie, animar os Praticos a tentar sempre nella a effusão fria, pela regra » *at praestat certe anceps remedium* » *experiri quam nullum* » He de notar, que nos casos infaustos, que observou o D.r Currie, não se podia attribuir a febre a contagio, pelo contrario no caso feliz de M.r Dalrymple tinha havido contagio, em quanto ao mais, i. h. predisposição e symptomas havia muita identidade deste com aquelles. Será pois a effusão fria só especifica, ou particularmente efficaz no typho genuino, quero dizer, no typho que provém de contagio?

Para se fazer prefeitamente esta indagação, he necessario usar de hum thermometro, cuja parte globosa se introduz na boca e por baixo da lingua do doente, e se lhe manda fechar os beiços, de sorte que não respire senão pelo nariz: então observa-se até que gráo sóbe, ou desce o Mercurio; e este será o gráo do calor animal do febrecitante. Pela descripção desta operação se manifesta, que os thermometros rectos ordinarios não são assás commodos para averiguar o gráo do calor animal, deve-se por tanto fazer uso dos thermometros curvos, que excogitou M.r Hunter para este fim. Todavia não se devem reputar indispensaveis para esta observação os themometros curvos, porque ella se póde fazer de outra sorte por meio dos thermometros rectos, i. h. introduzindo o globo do thermometro recto em hum dos sobacos do doente, e fazendo aproximar ao lado do corpo o braço correspon-

den-

dente. Desta sorte se acha com igual certeza o gráo do calor animal (Curr. *Med. Rep.* p. 224 e 35.)

Quem não tiver thermometro não póde conhecer com precisão o gráo de calor do febrecitante, póde todavia em alguns casos deliberar-se affoutamente ao uso externo d' agua fria pelos symptomas seguintes, que indicáo com certeza hum gráo de calor no febrecitante maior que o natural.

Apalpada a pelle nas partes que não estão descobertas, acha-se aquella mais quente que o natural, e seca; algumas vezes parece ardente; o doente procura refrigerar-se, mudando de lugar na cama, ou descobrindo os braços; a côr do rosto he animada; o halito he mais quente que o ordinario, e a lingua, e boca mais seca.

Pela 3.ª clausula o suor contraindica o uso externo d' agua fria; esta contraindicação he tanto maior, quanto aquelle tem sido mais profuso, e mais

pro-

prolongado (Curr. *Med. Rep.* p. 42); todavia sendo o doente assás vigoroso, póde-se fazer com vantagem a applicação externa d'agua fria, ainda quando o suor começa a manifestar-se (Curr. Obr. c. p. 19 e 23).

A estas clausulas he necessario ajuntar as seguintes: 1°. a de ter o febrecitante forças sufficientes (*Med. Rep.* p. 42) de sorte que possa tirar-se, e conservar-se fóra da cama, sem cahir em deliquio, o tempo necessario para se executar aquella operação; 2°. a de não haver diarrhéa, ou symptomas dysentericos, porque segundo huma observação minha (Carta ao D.r Currie) e a experiencia mais ampla do D.r Currie (*Med. Rep.* p. 400), na concurrencia daquelles symptomas não costuma ser vantojosa a effusão fria. Não dissimularei todavia que Magrath, habil Cirurgião da Marinha Ingleza, affirma tella achado constantemente vantajosa naquellas circunstancias tan-

to no Canal d' Inglaterra e no Mar Baltico, como nas calidas latitudes meridionaes (*Med. Rep.* p. 506.); 3.º a de não haver inflammação local acompanhada de pulso forte ; quando aquella occorrer, cumpre removella primeiramente pelos remedios competentes , e depois usar dos remedios que exige o typho. Tal foi o methodo com que em 1802 tratei felizmente os casos desta indole, que occorrerão na epidemía da Esquadra surta em Gibraltar (Carta ao D.r Currie.).

CAPITULO IV.

Da occasião mais opportuna para a effusão fria.

COmo para ser proveitosa a effusão fria he necessario que o febricitante não sinta frio , nem esteja suando, e tenha mais calor que em saude (Cap. preced.) ; e como estes requi-

quisitos concorrem mais sensivelmente no auge dos crescimentos, he manifesto que a occasião mais opportuna para a effusão fria he naquelle periodo. Ora como os typhos tem regularmente a sua maior exacerbação de tarde (*Med. Rep.* p. 17.), he em geral de tarde que se deve executar a dita effusão; todavia como muitas vezes os crescimentos febris são pouco notaveis, de sorte que a febre parece hum prolongado parocismo, e como outras vezes ha mesmo de manhãa crescimento (*), em qualquer hora do dia, em que concorrerem os requisitos mencionados no Capitulo precedente, pode-se praticar, e será util a effusão fria (*Med. Rep.* ibid.).

O que digo a respeito das horas do dia, póde entender-se igualmente a

(*) Segundo Cullen o typho tem dois parocismos quotidianos (Nosol. Cl. I. sect. II. Med. Prat. §. 29.), mas hum delles ordinariamente custa a perceber-se.

respeito dos dias da enfermidade; em qualquer dia da febre, par ou impar, critico ou não critico, he proveitosa a effusão, ou outra applicação externa d' agua fria quando concorrão os requisitos necessarios (id. p. 20). Todavia para se colher della o maior fructo possivel he necessario applicalla cedo. Os primeiros trez dias de febre são os mais opportunos, de sorte que dentro delles não he raro curar-se hum typho por huma só effusão (*Med. Rep.* p. 22.). Tambem algumas vezes se tem conseguido huma tão maravilhosa cura, fazendo-se a effusão no 4°. dia; isto porém he menos frequente (*Med. Rep.* p. 23 e 27.): passado o quarto dia a effusão fria he menos efficaz na razão inversa do tempo ou dias que tem decorrido a molestia; por isso para se conseguir a cura depois daquella época, commumente he necessario reiterar por alguns dias a effusão, e até auxilialla com alguns remedios adequados ás circunstancias do febricitante.

CAPITULO V.

Do methodo de fazer a effusão fria.

A Effusão fria faz-se derramando de hum golpe 5 ou 6 canadas d'agua fria sobre o corpo do doente nú. He manifesto, que para evitar palpaveis inconvenientes deve o doente tirar-se da cama, e ser conduzido pelos enfermeiros para dentro de huma tina, ou bacia vasia, onde assentado, ou em pé, se lhe ha-de fazer a effusão. Derramada a agua, enxuga-se o doente, e repõe-se na cama (*).

C A-

(*) Nos climas e estações frias, e quando o calor febril não he muito grande, e a agua he assás fria, huma simples effusão póde reduzir o calor do febricitante ao natural, e curar o typho; mas nos climas e estações quentes, e quando o calor he grande, e a agua pouco fria, huma effusão não faz commumente mais que hum refrigerio e benefi-

CAPITULO VI.

Da agua com que se deve fazer a effusão.

A Agua fria qualquer que seja, he propria para a effusão; a experiencia porém tem mostrado, que a agua salgada tem certa vantagem sobre a agua doce (*Med. Rep.* p. 20, 33 34, e 219.). Por conseguinte a bordo dos Navios, e nas situações em que se tem á mão a agua do mar, de-

---

cio momentaneo, pouco depois sobrevem tanto ou mais calor, etc. (veja-se adiante a minha Carta ao Dr. Currie): quando isto acontece, he necessario reiterar a effusão tantas vezes, quantas o calor febril exigir, como fazia Mr. Nagle (*Med. Rep.* p. 527.). Como porém estas reiterações são bastantemente incommodas, parece-me que nas referidas circunstancias será melhor substituir á effusão a ablução praticada pelo methodo de que eu me servi (Veja se a Carta acima mencionada).

deve esta preferir-se. Nas povoações mediterraneas póde supprir-se a agua do mar por meio de huma salmoura artificial. O Dr. Currie diz, que quando se servia da salmoura, preparava esta, saturando a agua doce de muriato de soda (sal commum) (*Med. Rep.* p. 31.). Ora como a agua doce dissolve, segundo Bergman, $\frac{1}{4}$ de seu pezo de muriato de soda, (Fourcroy Syst. Des Conn. Chim. t. 3. p. 183), he de crer, que elle mandava dissolver 8 arrateis de sal nas 6 canadas d'agua, que são empregadas em cada effusão; mas como a agua mais salgada natural não tem mais de 0,04 do seu pezo de muriato de soda (ibid. p. 176.), i. h., 1 libra de sal em 25 arrateis d'agua salgada, e como o Dr. Currie usou com bom successo d'agua doce natural, e d'agua do rio Mersey, que na enchente da maré não tem mais de $\frac{1}{52}$ de muriato de soda (*Med. Rep.* p. 13 e 33.); julgo não ser necessa-

rio

rio dissolver na agua para a effusão $\frac{1}{3}$ ou tanto sal como insinua o Dr. Currie; em attenção aos 0,04 de Muriato de soda, e ainda a $\frac{1}{8}$ de sulfato de magnezia, que se acha na agua do mar (*Zoon. Mat. Med. Art.* IV. 2. 3. 8.) he muito sufficiente dissolver 4 arrateis de sal em cada 6 canadas d'agua doce. Faço esta reflexão, porque no tratamento dos pobres, e nos Hospitaes, principalmente no Sertão do Brasil, onde o sal he mui caro, póde, e deve este economizar-se.

Em quanto á frieza d'agua he necessario advertir, que havendo de fazer-se a effusão nos primeiros dias da febre, ou em quanto o doente se acha com bastantes forças, convém que a agua seja assás fria, ou de huma temperatura inferior a 75° de Fahr. (*); mas

(*) Nos climas quentes e nas estações calmosas a agua natural não he em geral tão fria como convem, pois dentro dos tropicos a agua do mar, e mesmo a das fontes se a-

mas quando o doente está muito exhaurido de forças, cumpre que ella seja quasi tíbia, como da temperatura de 78° até 83° (*Med. Rep.* p. 31.) ou substituir á effusão a ablução com agua e vinagre, segundo o methodo do Dr. Gregory (*Med. Rep.* p. 42).

CA-

---

cha commumente de 77° a 78° (*Med. Rep.* p. 259.); nestas circunstancias será melhor substituir á effusão a ablução de que fiz menção na nota (*) do Capitulo precedente, mas a querer-se usar da effusão, deveria primeiramente esfriar-se assás a agua, o que se póde fazer á vontade, lançando-a em huma sorveteira, ou outro vaso de folha de Flandres, e mettendo este em hum balde ou bacia, na qual se lança agua, muriato de ammonia (sal ammoniaco), e nitrato de potassa (nitro), na proporção de 5 partes de cada hum destes saes para 16 partes d'agua. Esta mistura produz hum frio capaz de gelar (*Med. and Cir. Riview.* 1804. N°. 58. p. 261.) e por conseguinte capaz de esfriar a agua da sorveteira até o gráo que se quizer.

CAPITULO VII.

Dos effeitos que produz a effusão fria applicada competentemente.

OS primeiros effeitos da impressão da agua fria na effusão, são semelhantes aos que se experimentão entrando-se repentinamente em hum banho frio, i. h., huma estranha sensação de frio, estremecimento, e inspiração interturbada.

Estes desagradaveis effeitos são tão transitorios como a mesma effusão, e em breve são substituidos por outros agradaveis, e precursores da saude. Logo que o doente se enxuga, e se mette na cama, em lugar do calor, e da molesta sensação, que antes da effusão o obrigava a procurar incessantemente huma posição do corpo menos incommoda, sente-se fresco e consolado; a bo-

boca se humedece ; cessa de ser atormentado pela sede ; a frequencia do pulso he menor ; a respiração he mais facil ; as dores de cabeça e costas , e até o delirio ou se desvanecem , ou se diminuem ; a estes beneficios frequentemente se segue hum agradavel sono , ou huma noite mais tranquilla ; sobrevem o appetite , e muitas vezes hum benefico suor , com que termina a febre (Vejão-se os casos referidos no Cap. X.).

CAPITULO VIII.

De alguns symptomas , que podem tornar perplexos alguns praticos no uso da effusão fria.

OS symptomas gastricos , que se manifestão no typho , são os primeiros que podem tornar perplexos alguns praticos sobre o uso da effusão ; de-

devem porém estes praticos saber, que a experiencia tem mostrado que quando a effusão fria se póde praticar nos primeiros dias, he quasi desnecessario ter attenção aos mencionados symptomas, porque commumente todos se dissipão com a febre por meio meramente da effusão (Cap. X. Caso I. e II.).

Se não he necessario dar previamente ao febricitante hum emetico, ainda que pareça indicado, tambem este, quando se tenha já exhibido, não obsta ao uso da effusão ou de outra applicação externa d'agua fria, quando esta seja bem indicada pelo calor febril etc.: eu varias vezes observei os salutares effeitos da ablução fria, fazendo-a praticar no mesmo dia em que tinha dado hum emetico, e nunca observei que fizesse damno algum (Carta ao D.r Currie).

A tosse e outros symptomas catharrosos, quando compliquem o typho

pho, tambem não obstão ao uso externo d'agua fria. O D.r Currie usou felizmente da effusão fria em huma epidemía, em que todos os doentes tinhão mais, ou menos tosse com expectoração mucosa (*Med. Rep.* p. 10.) e hum lançava escarros com raios de sangue (Cap. X. Caso VII.); eu fui igualmente bem succedido usando da ablução fria em hum caso de typho, que sobreveio a hum doente com tosse catharrosa (Carta ao D.r Currie); os testemunhos dos D.res Bree e Home, e de M.r Magrath abonão tambem a innocencia da effusão fria no typho, ainda que haja symptomas catharrosos (*Med. Rep.* p. 478, 483, e 503.).

A mesma salivação mercurial não he obstaculo para o uso da effusão fria: assim o tem mostrado a experiencia ao D.r Currie (*Med. Rep.* p. 7.) e igualmente ao D.r Ord, cuja pratica em Demerary mostra demais, que o mercurio se póde, e se precisa combinar

nar com a effusão fria nas febres acompanhadas de obstrucção, como são commummente as dos Paizes quentes (*Med. Rep.* p. 572, 583, e 584.).

CAPITULO IX.

Dos remedios com que se deve auxiliar a effusão fria.

QUando o typho he genuino, e quando a effusão fria se póde praticar nos primeiros dias, esta commumente não precisa ser auxiliada de remedios alguns para curar a febre; todavia para assegurar mais o sucesso, ou para tranquillizar o espirito de circumstantes, que não reputão remedio senão o que vem da Botica, podem-se dar, antes e depois da effusão, os remedios, que forem indicados. Quando houver dureza de ventre, póde-se recorrer a cristeis, e bebidas diluentes, fazendo-as brandamente purgantes pela edi-

addição de pequenas dóses dos sulfatos alcalinos ou de magnezia, do tartarito acidulo de potassa com $\frac{1}{8}$ de borato de soda, ou do tartarito de potassa antimoniado em diminutas doses; ou dando o phosphato de cal antimoniado (Pós antimoniaes) com muriato de mercurio sublimado (calomelanos) etc. Para facilitar o suor, que he a evacuação critica, que a effusão fria costuma produzir, póde-se dar ao doente á noite qualquer bebida com acetito de ammonia, ou com alguma preparação antimonial e tintura ou vinho d'opio, ou com Pós só de ipecacuanha compostos etc. Quando as forças do febricitante são diminutas, e o calor pouco acima do natural, como succede commumente no progresso do typho, convém dar ao doente depois da effusão, alguma bebida incitante ou cordial, como vinho quente, que he a melhor (*Med. Rep.* p. 20.).

He escusado fallar particularmente da

da quina, e mais remedios usados no tratamento do typho, bastará dizer, que aquella, no principio do typho raras vezes he indicada, e no progresso, em que a effusão muitas vezes não he sufficiente, he indicada commumente, e então he hum grande auxilio da effusão, ou outra applicação externa d'agua fria, como eu tive occasião de observar (Carta ao D.r Currie), e por isso se deve lançar mão della, e de todos os mais remedios que forem indicados pelo estado do enfermo.

CAPITULO X.

Casos de typho tratados pela effusão fria extrahidos dos Medic. Reports *do D.r Currie.*

CASO I.

» HUma enfermeira do Hospital,
» da enfermaria das febres, as-
» sistindo a varios Doentes, apanhou
por

» por infecção huma febre, que co-
» meçou por arrepiamentos fortes,
» frio, e dores vagas, a que se se-
» guio grande calor, sêde, e dor de
» cabeça. »

» Dezeseis horas depois que co-
» meçou esta febre, o calor no soba-
» co era de 103° Fah.r, o pulso forte
» e de 112 pulsações por 1′, a sêde mui-
» ta, a lingua sordida, e a pelle seca. »

» A's 5 horas da tarde derrama-
» rão-se-lhe sobre o corpo nú cinco
» canadas d'agua salgada da tempera-
» tura de 44°, e enxugado imme-
» diatamente com tualhas se repoz
» na cama. Logo que passou a agita-
» ção e respiração interturbada, *o*
» *pulso tinha-se reduzido a* 96, *e*
» *passada meia hora*, *a* 80 : o calor
» reduzio-se *pela effusão a* 98°, e
» assim se achava passada meia ho-
» ra : *a sensação de calor e dor de*
» *cabeça desvanecêrão-se*, *e a sêde*
» *quasi se extinguio. Passadas seis*

„ *horas achava-se o doente absoluta-*
„ *mente sem febre* ; sentia-se todavia
„ bastantemente debil , por cuja razão
„ se poz no uso de pequenas doses de
„ calumba com huma dieta leve mas
„ nutriente , continuou-se tambem a
„ praticar a effusão fria por alguns
„ dias , sempre á mesma hora ; depois
„ disto a febre não voltou mais. „

CASO II.

„ Janeiro 17 , 1790. A. B. de ida-
„ de 19 annos , praticante do Hospi-
„ tal , apanhou a contagião ferquen-
„ tando a enfermaria das febres. Quan-
„ do o vi erão passadas 78 horas depois
„ que começou a ser atacado , e por
„ conseguinte era o 4.° dia da febre.
„ Tinha todos os symptomas ordinarios
„ do typho — dor de cabeça , sêde ,
„ lingua sordida , dor pelas costas e lom-
„ bos , e muita debilidade. O calor era
„ de 101° e o pulso de 112 por 1′. „

„ No

» No mesmo dia 17 pelo meio dia
» fez-se-lhe a effusão d'agua salgada.
» *O calor reduzio-se a* 99°, *o pulso*
» *a* 98 *por* 1', *e seguio-se hum suor*,
» *com que terminarão todos os sym-*
» *ptomas febris*. Esta intermittencia
» continuou por algumas horas, du-
» rante as quaes *dormio hum pouco*
» *com socego*; ás 5 horas porém da
» tarde teve novos arrepiamentos, a
» que se seguio, como na primeira
» vez, calor, sêde, e dor de cabeça.
» Passada huma hora, achava-se esta-
» belecido o periodo do calor febril;
» este era de 100°, e o pulso de 100.
» Repetio-se a effusão fria, cujo re-
» sultado foi semelhante ao antece-
» dente. *O pulso reduzio-se immedia-*
» *tamente a* 80, *tornando-se mais*
» *cheio*; *o calor reduzio-se ao natural.*
» Na noite seguinte tomou 20 gottas de
» laudano, e dormio bem. »

» A 18 pelo meio dia pulso 96 e
» molle, pelle lenta, mas hum pouco

„ mais quente que o natural, lingua hum
„ pouco sordida, dor de cabeça, al-
„ guma sêde, calor no sobaco 100.°
„ Repetio-se a effusão, a qual o re-
„ frescou muito. *O pulso reduzio-se*
„ *a* 90, *a pelle ficou fresca, e a sê-*
„ *de desvaneceo-se* com todos os mais
„ symptomas febris. „

„ A 19 pulso 88, calor natural,
„ sem sêde, nem dor de cabeça, mais
„ appetite. Fez-se ainda, e pela ulti-
„ ma vez, a effusão ás 6 horas da
„ tarde. „

„ A 20 pulso 78 e molle, lingua
„ limpa, mais appetite. A 21 ainda
„ sentia alguma debilidade, mas a 22
„ estava inteiramente bom. „

„ Este doente no decurso da en-
„ fermidade não tomou mais remedios
„ que mistura salina, e huma dóse de
„ laudano. A effusão fez-se quatro ve-
„ zes. „

CASO V.

» A 24 de Dezembro de 1791
» comecei a tratar de M. S., que es-
» tava no septimo dia de typho com
» os symptomas ordinarios — pulso
» 108, calor 100°. Fez-se-lhe imme-
» diatamente a effusão fria. *Passados*
» 2′ *calor* 96°, *passados mais* 3′ *ca-*
» *lor* 98°, *e pulso* 98; *além disto o*
» *doente sentia-se muito alliviado.*
» Repetio-se ainda neste, e no seguinte
» dia a effusão, *a que sempre se*
» *seguio hum brando suor, e sono*
» *tranquillo.* Ao 3.° dia estava intei-
» ramenre bom »

CASO VI.

» F. G. Soldado do 30.mo Regi-
» mento, de idade de 33 annos, veio
» a 9 de Junho de 1792 para eu o
» tratar do typho, que grassava no
» seu

» seu Regimento. Estava no nono dia
» da enfermidade — pulso 100 e
» fraco, calor 104° — muita sêde —
» lingua sordida e denegrida, — tosse
» frequente com raios de sangue nos
» escarros — pintas por todo o corpo
» — confusão de idéas continua, e al-
» gumas vezes hum completo delirio.
» Nestas circumstancias mandei, que
» todos os dias se lhe désse huma
» garrafa de vinho com outro tanto
» de cozimento de aveia para lhe
» manter as forças; que todas as noi-
» tes se lhe désse huma bebida opia-
» da, e que todos os dias se lhe fi-
» zesse ter huma dejecção por meio
» de hum cristel, e, quando este fosse
» infructifero, por meio de alguns
» grãos de calomelanos; mandei tam-
» bem que se lhe fizesse immediata-
» mente a effusão d'agua salgada, e
» que se repetisse segundo as circums-
» tancias. Poucos minutos depois da
» effusão, *calor* 98°, *espirito mais*

» *tran-*

» *tranquillo e racionavel* ; passadas
» duas horas tornou ao primeiro es-
» tado , mas passou melhor a noite.
» Continuou-se o mesmo tratamento
» com quasi igual successo até o 12.mo
» dia da enfermidade , fazendo-se a
» effusão todas as tardes , e tambem ,
» se havia opportunidade , ao meio dia.
» A febre continuou com os seus usuaes
» periodos ; mas ao 12 dia achando-
» se o calor reduzido ao estado natu-
» ral , omittio-se a effusão ; e dahi
» em diante lavavase-lhe o corpo hu-
» ma ou duas vezes no dia com hu-
» ma esponja molhada em vinagre. »

» Ao 18 dia da enfermidade acha-
» va-se o doente em convalecença. »

CAPITULO XI.

Do perigo do intempestivo uso da effusão fria, e dos meios de o remediar.

A Effusão fria he hum remedio tão poderoso e salutar, quando se usa a proposito, como perigoso quando se não observão as clausulas expostas no Cap. III. O caso seguinte mostra de huma vez os damnos da intempestiva effusão, o remedio delles, e a grande virtude febrifuga da mesma effusão.

Querendo o D.r Currie satisfazer a curiosidade de hum Cavalheiro Prussiano, e de hum Cirurgião do Exercito, que querião ver o methodo de fazer a effusão fria, ordenou que esta se praticasse em hum doente, que havia no Hospital com sezões terçaãs, e deo-lhe para concorrerem, a hora,

em

em que se esperava ser a força do calor da sezão. Succedeo casualmente naquelle dia vir a sezão huma hora mais tarde do que se esperava; inadvertidamente o doente foi tirado da cama ainda tiritando, e fez-se-lhe a effusão fria, cujos effeitos forão os seguintes »
» a respiração esteve por alguns minu-
» tos quasi parada — o pulso não se
» percebia — as pulsações do coração
» erão fracas e desordenadas — espa-
» lhou-se sobre seu corpo huma fri-
» aldade mortal, e quando a respiração
» tornou a manifestar-se, era curta,
» irregular, e laboriosa. Depois de se
» lhe fazerem esfregações por todo o
» corpo, principalmente pelas extremi-
» dades, depois de se lhe applicar por
» algum tempo á boca do estomago
» hum brando, mas constante calor; e
» depois de se-lhe darem com cautella,
» e em pequenas dóses alguns cordeaes,
» o pulso começou a perceber-se mas
» conservou-se por algum tempo fre-
» quen-

» quente e fraco. Todavia passada hu-
» ma hora tinha o doente cobrado for-
» ças, e achou-se que o parocismo fe-
» bril se tinha desvanecido » (*Med. Rep.* p. 37 e 38.).

Este doente teve depois outra sezão, na qual se fez a effusão fria com as competentes cautellas, e o resultado foi tão feliz (*Med. Rep.* p. 38), como costuma ser quando a effusão he praticada judiciosamente.

He necessario advertir relativamente ás sezões, que a effusão fria executada durante o calor da sezão quasi sempre a faz terminar immediatamente; mas se durante a apyrexia ou intermittencia se não usa de outros remedios, a sezão volta no tempo competente.

Apesar disto as sezões podem curar-se por meio da effusão fria, fazendo-se esta no dia da sezão huma hora pouco mais ou menos antes do esperado parocismo, e repetindo-se da

mes

mesma sorte nos 4 ou 5 dias successivos de sezão. Todavia esta pratica não he segura, nem propria senão para pessoas robustas (*Med. Rep.* p. 39).

Voltando aos meios de remediar os perigosos effeitos da intempestiva effusão, ou outra qualquer applicação externa d' agua fria, convém saber, que de todos os remedios nenhum he tão excellente como huma bexiga cheia d' agua quente de 110° a 120° Fah.r applicada á boca do estomago.

A efficacia deste simples remedio observada por diversas vezes, e attestada pelo D.r Currie (*Med. Rep.* p. 94, 105, 200, e 206), merece bem notar-se, como tambem os symptomas que se observão nos que se mettem e se conservão por longo tempo na agua fria. Logo que qualquer se mette na agua fria, observa-se, que o seu calor decresce rapidamente varios gráos abaixo do que tinha antes da immersão; passados porém poucos minutos cresce até

até certo gráo, inferior todavia ao que se manifestava antes da immersão, e conserva-se quasi o mesmo, ou com pouca variação por certo tempo, passado o qual *torna a decrescer rapidamente*; *ao mesmo tempo sente-se no estomago certa frieza, e certo desfallecimento, e o movimento do coração observa-se fraco e languido* (*Med. Rep.* p. 198 210). Não mostrão estes symptomas, e o respectivo remedio huma sympathia directa entre o estomago e o coração?

Dos remedios internos nenhum he tão proveitoso como o opio. O D.r Rush considera o *laudano liquido* como hum remedio efficaz contra os perigosos effeitos, que ás vezes resultão de se beber agua fria. (*Med. Rep.* p. 105) Nestes casos he necessario dallo em grandes dóses, proporcionaes todavia á gravidade dos symptomas (idid.). Quem tiver observado o beneficio que faz o laudano no frio das sezões, não

se

se maravilhará de o achar tão recommendado contra os morbosos effeitos do uso interno ou externo da agua fria,

CAPITULO XII.

Explicação dos effeitos da effusão fria no typho.

A Explicação dos effeitos da effusão fria no typho involve a theoria da febre, e como esta a pezar das investigações e hypotheses dos Medicos Philosophos de todas as idades, ainda hoje he hum Problema a resolver, não he de esperar, nem eu prometto dar aqui huma plena explicação d'aquelles effeitos; todavia philosophando pelos principios do D.r Darwin, cuja engenhosa theoria symphatica da febre (*Zoon. Sup.* to Cl. IV.) he a solução mais plausivel que ha d'aquelle abstruso Problema (*), tentarei dar

a

(*) Veja-se a comparação das doutrinas

a theoria do typho, e exporei depois o modo de obrar da effusão fria, o qual se não he o verdadeiro, espero se ache ainda assim apreciavel, por ser capaz, segundo me parece, de guiar o Medico no uso deste remedio.

CAPITULO XIII.

Noções preliminares para facilitar a intelligencia da theoria do typho.

TOdos os movimentos dos diversos orgãos do corpo humano, em quanto vivo, são immediatamente produ-

---

theoricas e praticas dos D.res Cullen, Brown, e Darwin (*Comparative View of the Theories and Pract. of* D.res Cullen etc.) pelo D.r Henrique Xavier Baeta, em cuja obra se achão concisamente expostos e bem avaliados os principios, e doutrinas d'aquelles tres celebres Medicos sobre a febre em geral e sobre o Reumatismo.

duzidos, ou tem por causa proxima hum principio vital (*Zoon. Sect.* XII. 1. 1. 2.), a que o D.r Darwin deo o nome de *poder sensorio.*

2 Pela influencia dos nervos nos gráos do movimento, e pela semelhança do cerebro com outras entranhas (*Zoon. Sect.* II. 2. 2.) he muito verosimil que o *poder sensorio* se segrega no cerebro e espinhal medulla.

3 O poder sensorio não produz por si só o movimento; para o produzir he necessario, que seja excitado por algum estimulo. Isto se manifesta pelo entorpecimento e morte após a subtracção dos estimulos naturaes, v. g. pelo frio que não he senão a falta de calor.

4 Há quatro sortes de estimulos ou causas excitantes do poder sensorio: estas são 1.° o contacto ou impressão dos corpos estranhos no orgão do movimento; assim o coração se contrahe pelo contacto do sangue, o estomago e intestinos pelo contacto do

ali-

alimento etc.: 2.° o prazer ou dor, i. h., a sensação agradavel ou desagradavel; assim córamos de pejo, choramos de dor etc., effeitos que consistem no movimento augmentado dos vasos capillares das faces, e das glandulas lagrimaes, e para cujo augmento não houve outro estimulo mais que a dor; 3.° o desejo ou aversão; tal he como todos sabem a causa dos movimentos voluntarios; 4.° a precedencia de certos movimentos; taes são todos os movimentos filhos do habito (*Zoon. Sect.* II. 2. 13.).

5 Os movimentos produzidos pela primeira sorte de estimulos, chamão-se irritativos, chama-se irritabilidade a susceptibilidade, que ha em hum orgão, destes movimentos, ou a faculdade que tem o poder sensorio residente nelle de produzir movimentos irritativos; chama-se irritação a mesma susceptibilidade ou faculdade posta em acção.

Os

6 Os movimentos produzidos pela segunda sorte de estimulos, chamão-se *sensitivos*; chama-se *sensibilidade* a faculdade que tem o *poder sensorio* de produzir estes movimentos; e *sensação* a mesma faculdade em exercicio.

7 Os movimentos excitados pela terceira sorte de estimulos chamão-se *volitivos* (*), e chama-se, já volição, já vontade, a faculdade de os produzir, segundo está em acção ou inacção.

(*) O D.r Darwin para exprimir esta sorte de movimentos usa do termo *voluntary*, cujo equivalente em Portuguez he voluntarios; mas como por movimentos voluntarios se entende geralmente os que são feitos por nossa livre vontade, e como o D.r Darwin entende aqui por voluntarios não só os de livre vontade, mas tambem os que são contra a nossa vontade, como os convulsivos, pareceome melhor usar de hum termo novo, analogo aos termos *sensitivo* e *irritativo*, para evitar a confusão de ideas, que nasce de se tomar em differente sentido hum termo recebido geralmente em certa accepção.

8 Os movimentos occasionados pela quarta sorte de estimulos, chamão-se *associados*; *associação e associabilidade* diz-se a faculdade, que ha de os produzir, segundo está posta em actividade ou em inacção.

9 Por estes principios (Cap. XIII, 5-9.) devem considerar-se no *poder sensorio* quatro diversos modos de acção, ou quatro differentes faculdades no sensorio animal, as quaes o D.r Darwin denomina tambem *poder sensorio de irritação*, *poder sensorio de sensação*, *poder sensorio de volição*, *e poder sensorio de associação*

10 Como hum orgão póde ser actuado por huma, ou mais das quatro sortes de estimulos (Cap. XIII. 4.), he claro que o seu movimento póde ser simplez, ou composto d'alguns dos quatro movimentos (Cap. XIII. 5-9.)

11 Não he menos manifesto, que o movimento composto (Cap. XIII. 10.), que he produzido por mais de hu-

huma das quatro faculdades do sensorio (ibid. 5-10.), deve ser mais forte, tudo o mais igual, que o movimento simples (ibid. 10.) que he produzido por huma só faculdade.

12 Os movimentos irritativos nos seus naturaes limites não são presentidos por nós; assim nós não sentimos o movimento ordinario do systema sanguineo, nem o peristaltico dos intestinos: quando são pouco maiores que o ordinario ou natural, de sorte que cheguem a ser presentidos, produzem huma sensação agradavel ou prazer; e quando são muito maiores, ou muito menores que o natural ou ordinario, produzem sensação desagradavel ou dor. Tal he a origem da sensação no systema (*Zoon. Sect* IV. 5.). Isto se patenteia a' quem reflectir que quando o estomago está mui repleto ou mui innanido, sentimos nelle huma sensação desagradavel, e que sentimos huma agradavel quando temos comido até perto da saciedade.

13 Por consequencia tanto o consideravel augmento de estimulos, como a diminuição consideravel dos estimulos ordinarios, produz sensação.

14 Quando he excitada a sensação, esta ou por pequena se desvanece sem effeito ou consequencia alguma, ou produz *movimentos sensitivos* (Cap. XIII. 6.), ou produz desejo, ou aversão áquillo que excitou a sensação, i. h., produz a *volição* (*Zoon. Sect.* IV e VI.).

15 Semelhantemente quando he excitada a volição, esta, ou se desvanece sem effeito algum, ou produz *movimentos volitivos* (Cap. XIII. 7.).

16 Os *movimentos volitivos* podem distinguir-se dos *sensitivos* não só pela causa proxima, i. h., *volição* ou *sensação*, que os produz, mas porque aquelles empregão-se sobre os meios de diminuir, ou tendem indirectamente a aliviar a dor, e estes empregão-se immediatamente em remover a causa occasional da dor (*Zoon.*

Se-

Sect. 2. 3. e Cl. III. 1. 1.) ; v. g. quando ás dores de parto se seguem contracções dos musculos do baixo ventre , que tendem a expulsar do utero o feto que as occasiona , aquellas contracções são *movimentos sensitivos*, mas quando ás dores de parto se seguem convulsões geraes , estas são *movimentos volitivos* , porque tendem a aliviar as dores , não expellindo o feto , mas consumindo muito poder sensorio , donde resulta diminuirem-se as dores.

17 Os *movimentos associados* provém de huma ley da vida animal , pela qual todos os movimentos animaes , que por varias vezes tem occorrido simultaneamente , ou em immediata successão , se ligão de tal sorte , que quando hum delles he reproduzido , os outros tendem a acompanhallo ou a seguirem-se-lhe (*Zoon. Sect.* IV e X.).

18 Daqui se collige 1.° que quanto mais repetidas forem aquellas occurrencias simultaneas ou successivas , mais for-

forte será a *associação*; 2.° que excitando no systema animal nova ordem de movimentos, se podem formar novas *associações*; 3.° que ha de haver no systema animal muitos *movimentos associados*; 4.° emfim que os *movimentos irritativos*, v. g. do estomago, vasos sanguineos, absorventes, secretorios, ou glandulas etc., por isso que são todos, ou quasi todos incessantes, não sómente serão *associados*, mas hão de ter mui fortes *associações*.

19 Os *movimentos associados*, que se podem considerar como formando hnma cadeia, denominão-se segundo a qualidade do movimento do annel inicial da cadeia: assim segundo aquelle he *irritativo*, *sensitivo*, ou *volitivo*, se denominão *irritativos*, *sensitivos*, ou *volitivos*.

20 Na cadeia que formão quaesquer *movimentos associados*, os differentes annels podem ter differentes gráos de actividade; humas vezes sendo

do o movimento do primeiro annel maior, ou menor que o ordinario, todos os outros são semelhantemente maiores ou menores que o ordinario; outras vezes succede o inverso, e outras vezes huns são maiores, e outros menores. No primeiro caso diz-se, que o primeiro annel actua os outros por *sympathia directa*, no segundo por *sympathia inversa*, e no terceiro por *sympathia directa* os que obrão semelhantemente, e por *inversa* os que obrão dissimilhantemente (*Zoon. Sect.* XXXV. 1. e Cl. IV. 1. 1. F.).

21 Muitos factos mostrão; que o estomago tem *sympathia directa* com o coração (*Zoon. Sect.* XXV. 17. e Sup. I. 12. 9.), e ora *directa*, ora *inversa* com os vasos capillares cutaneos (*Zoon. Sup.* I. 11. 5.); que os vasos lacteos tem sympathia inversa com os absorventes lymfaticos (*Zoon. Sup.* I. 6. 3.); que os vasos e glandulas secretorias da pelle tem *sympathia directa*

cta com os orgãos do bofe seus semelhantes (*Zoon. Sup.* I. 6. 4. e Sect. XXXII. 3. 2.); e que a mesma tem os absorventes cutaneos com os absorventes dos intestinos e bexiga da urina (*Zoon.* Cl. I. 2. 3. 5. 6.).

22 Durante o movimento de hum orgão, seja qual for o estimulo (Cap. XIII. 4.) que o occasione, despende-se ou consume-se mais ou menos do *poder sensorio* residente nelle , por quanto a contracção excitada por hum estimulo, cessa ainda que este persista applicado ao orgão (*Zoon. Sect.* XII. 13.); assim se qualquer suspender hum grande pezo, passado algum tempo este lhe cahirá da mão ainda que continue a querello ter suspenso, e o possa ter na outra mão.

23 Inversamente pela inacção ou diminuida acção de hum orgão accumula-se ou augmenta-se o seu *poder sensorio*, por quanto depois do descanso nos sentimos mais aptos para o movimento.

Es

24 Esta accumulação he tanto mais prompta quanto o orgão naturalmente costuma ser mais exercitado; assim os olhos, que são de todos os orgãos dos sentidos os mais exercitados, são aquelles em que depois do sono, no qual descanção todos os orgãos dos sentidos, se observa maior *irritabilidade*, ou maior accumulação de *poder sensorio*, por quanto nenhum outro quando a gente acorda se irrita tanto com o seu competente estimulo.

25 Consumindo-se pois o *poder sensorio* pelo movimento (Cap. XIII. 22.), e accumulando-se pela inacção (ibid. 23 e 24), he manifesto que a quantidade d'aquelle estará em geral na razão inversa do movimento que nelle tem havido; e como o movimento he, tudo o mais igual, proporcional ao estimulo que o excita, segue-se que o *poder sensorio* de hum orgão anda na razão inversa do estimulo, que o tem actuado.

Sen-

26 Sendo por outra parte a acção, movimento, ou excitamento de hum orgão produzido pelo *poder sensorio*, que nelle ha, e pelo estimulo que se lhe applica (Cap. XIII. 1. e 3.), será porporcional a ambos, ou na razão composta de hum e outro (*Zoon. Sect.* XII. 2. 1.); por conseguinte se chamarmos x o movimento, p o poder sensorio, e e o estimulo, teremos $x = ep$.

27 Daqui se infere, que x será menor que o natural, quando e for menor que o natural, não sendo então p maior que o natural, i. h., que haverá fraco excitamento, debilidade directa, ou torpor em algum orgão, quando o seu estimulo for menor que o natural, não sendo então o *poder sensorio* maior que o natural.

28 Igualmente se infere que x será menor que o natural, quando p for menor que o natural, não sendo então e maior que o natural; e como p ou o

po-

poder sensorio residente em hum orgão anda na razão inversa do excitamento que tem precedido, ou do estimulo que o actuou (Cap. XIII. 24.), segue-se que depois de grande excitamento, ou da applicação temporanea de hum grande estimulo a hum orgão, haverá nelle torpor, ou debilidade indirecta.

29 Semelhante e inversamente x sera maior que o natural, quando e ou p for maior que o natural, não sendo então p ou e menor que o natural.

30 E como p cresce pela inacção (Cap. XIII. 23.) e anda na razão inversa do estimulo ou de e (ibid. 25.); segue-se que x ou o excitamento de hum orgão será extraordinario, se este orgão for por algum tempo incitado por estimulos menores que o ordinario.

31 Segue-se ainda de $x = ep$, que será $x = o$ quando e ou p for $= o$, i. h., que a aniquilação absoluta do excitamento, ou morte de hum orgão acon-

te-

tecerá quando este for absolutamente privado de estimulos, ou quando não tiver *poder sensorio* algum, e como este anda na razão inversa do estimulo (Cap. XIII. 25.); segue-se, que a morte de hum orgão succederá quando o estimulo que o actua for mui excessivo, ou absolutamente nenhum.

32 Por outra parte sendo o *poder sensorio* huma secreção do cerebro, e espinhal medulla (Cap. XIII. 2.), que dimana perennemente para os diversos orgãos da maquina animal, nos quaes se consume pelo movimento; he manifesto, que quando algum orgão consumir demasiado *poder sensorio* por occasião de demasiado movimento, se aquella secreção se não tornar proporcionalmente maior, necessariamente ha de afluir menos que o ordinario para alguns dos outros orgãos, e por conseguinte será diminuto o movimento destes. Daqui se collige huma das razões das *sympathias inversas*, que tão frequen-

quentemente occorrem nas doenças de *inirritabilidade* ou *debilidade*.

33 De ser o *poder sensorio* huma secreção collige-se semelhantemente, que se esta secreção for proporcionalmente augmentada, todos os movimentos fibrosos podem não sómente ser maiores, mas tambem mais prolongados. Isto he o que succede quando he introduzida ou excitada no systema a sensação, como se observa nas doenças inflammatorias.

34 De ser o poder sensorio huma secreção do cerebro e espinhal medulla, que se distribue por todos os orgãos do corpo humano, collige-se tambem que se se diminuir (dentro de certos limites) o movimento de hum orgão, que consume extraordinario *poder sensorio*, os que estiverem em diminuta acção por *sympathia inversa* com aquelle orgão, receberáõ maior cópia de *poder sensorio*, e ficaráõ por conseguinte em maior ou mais energica acção.

CA-

CAPITULO XIV.

Theoria sympathica do typho.

HE sabido que o typho he commumente apanhado por contagio (Haygarth *A Letter To D.r Percival On The Prevention Of Infect. Fevers* etc. p. 10); he, por consequencia, dos effeitos da contagião no corpo humano, que se deve deduzir a theoria do typho. Não obsta que este algumas vezes seja provavelmente produzido por outras causas (id. ibid.), porque não he verosimil, que estas obrem de diverso modo, quando produzem o mesmo effeito.

2. Para traçar pois a ordem, qualidade, e connexão dos movimentos e phenomenos morbosos que constituem o typho, ou para desenvolver a theoria desta enfermidade, he necessario determinar qual he a parte do systema,

ma, em que a contagião faz a primeira impressão, qual he esta impressão, e quaes são os movimentos sympathicos e mais consequencias, que dalli se originão.

3 A parte do systema que he primeiramente actuada pela contagião, devia ser a pelle, se fosse verdade que as febres contagiosas, bexigas etc., se não apanhão, como pretendêrão alguns (Haygarth l. c. p. 59.), senão tocando-se no doente, ou cousa inficionada; mas não só he falso, como todos hoje sabem, que o contacto he o unico modo de se receber a contagião d'aquellas enfermidades, mas he quanto amim mui duvidoso que por este modo, quando só, se possa contrahir o typho. Por quanto a pelle externa do nosso corpo, (não fallo das prolongações delicadas que forrão algumas cavidades, como as adnatas, a membrana schneideriana, epithelio etc.), não parece, em quanto sãa, mui susceptivel

de

de ser morbosamente excitada pelo virus typhoso, ou outro febril, nem mais capaz de o transmitir ao systema (*). Nin-

(1) Segundo a opinião mais geral, a peste pega-se principalmente pelo contacto. O D.r Samoelowitz, que observou a peste de Moscow em 1771, pretende até, que ella não se communica senão pelo contacto (Bousquill. *Elem. de Med. de M.r Cull.* p. 423. (*b*).). Isto parece indicar, que pela pelle se faz o contagio, pelo menos o da peste. A ser assim deveriamos crer, que a contagião pestilencial ou se não communica pelo ar, o que he falsso, (Bousq. ibid.), ou que o orgão da pelle he particularmente excitavel por aquelle estimulo, o que podia ser segundo a nota ao §. 29 deste Cap. Todavia eu duvido muito desta particular excitabilidade, i. h., duvido muito, que pelo simples contacto, ou pela absorção ou irritação da contagião pestifera na pelle, venha alguma vez o contagio. Eu não conheço huma observação que seja decisiva a favor da opinião contraria, porque os factos, que parecem apoialla, explicão-se bem, sem suppôr aquella absorção ou irritação cutanea. Sendo certo que a peste se póde communicar pelo ar inficionado sem que se toque no corpo em-

Ninguem ignora que se póde manejar a materia venerea, e muitos outros virus ou venenos fixos e corrossivos, sem perigo de contagio ou molestia, quando a pelle sãa; porque havemos pois crer que a pelle, que defende d'aquelles virus, ha de absorver, ou ser actuada pelos volateis e não corrosivos do typho,

---

pestado (Bousq. l. c.); e convindo a froxo todos os Escritores que a esphera dos vapores contagiosos, que se exhalão de hum corpo infeccionado, he mui limitada; entende-se bem, porque quasi sómente, ou particularmente os que tocão nos corpos infeccionados, são contagiados. He manifesto que estes se põe no alcance da atmosphera contagiosa que cerca o corpo empestado; por conseguinte quasi infallivelmente hão de respirar e engulir parte della: além disto he provavel, que depois do contacto tragão adherente á mão ou corpo materia contagiosa, e por isso ficão exdostos a respirar e engulir mais da dita materia. Assim, de ser mais frequente o contagio quando ha contacto, não se póde inferir que elle se faz pela pelle, e não pelo bofe, ou estomago.

pho, das bexigas, da peste etc. ? Que indicios ha disto ? nenhum que eu saiba, e ha muitas razões de analogia para crer, que a pelle he tão insensivel a huns, como a outros. A izenção mui frequente de contagio de que gozão os Medicos, que frequentemente tomão o pulso a doentes de typho, he huma; a pratica dos inoculadores, que cortão ou rompem a pelle para o virus contagiar, he outra; o rubor das adnatas (Cap. II.-5.), a esquinencia (Carta ao Dr. Currie) etc., que frequentemente se manifestão antes, ou com o tyho, sem symptoma morboso na pelle externa, a pezar desta nas partes descobertas, como adnatas e fauces, ser tocada pelo virus volatil ou miasmas typhosos, he outra. Em fim M.r Deguerroy, benemerito Cirurgião de hum Regimento de Emigrados Francezes, que se achava em Gibraltar, quando esta Praça foi devastada pela peste Americana, e que tomava affoutamente o pulso aos infec-

cio-

cionados, em todos os estados, sendo a ultima victima d'aquelle flagello, parece mostrar que pela pelle ou pelo contacto não he que se faz o contagio, pois que antes delle tinhão fallecido outros Porfessores, que não tocavão os doentes.

Por estas e outras razões parece verosimil, que o tocar corpos infeccionados seria sem risco, se o que os toca se podesse sempre defender dos miasmas que se volatilizão do corpo infeccionado, e que o que se puzer a barlavento de hum corpo infeccionado, não deve temer o contagio ainda que o toque, com tanto que purifique as mãos em agua, ou vinagre antes de as chegar á cara e de haver tempo de passar por ellas o ar que inspira.

4 Attendendo á qualidade volatil dos miasmas typhosos, e á insensibilidade da pelle ao seu estimulo etc., he facil dizer, quaes são as partes primeiramente actuadas pelos miasmas, ou

contagião typhosa. He manifesto que esta, que entra com o ar nas inspiraçõcs, vai pela maior parte ter ao bofe, e em parte fica adherente ás paredes humidas da boca, ou ventas por onde passa.

5 Não he menos manifesto, que o que fica adherente ao interior da boca, passa de mistura com a saliva para o estomago. E como muitas vezes se respira com a boca fechada, ou se não engole a saliva, e outras ou as mais das vezes succede o inverso, he claro que no contagio, algumas vezes sómente o bofe, commumente porém o bofe e estomago recebem quasi ao mesmo tempo a contagião (*).

Te-

(*) Esta conclusão parecerá a muitos huma mera especulação, mas ha factos que parecem apoialla sufficientemente. Os que refiro §. 17. deste Cap., e que decifro nos §§. 6. 17. do mesmo Cap., parecem mostar, que algumas vezes só o bofe he atacado pela contagião. Em quanto ao estomago, que este he atacado pela contagião nos casos em que sobrevem a febre denominada typho, he opi-

Temos pois a averiguar o que succede quando o contagio se faz pelo bo-

nião mui geral, e de Medicos praticos que tem illustrado a Medecina; baste mencionar Thomaz Bartolino (*The Philosophy of Medic.* vol. IV. p. 289.), Huxham (*Essai sur les Fievres* p. 133.), Roupp. (*De Morbis Navigantium.* p. . . .), Darwin (*Zoon. Sup.* I. a cada passo), Lind, o qual refere que alguns doentes lhe disserão que, no momento em que forão contagiados, sentirão como hum cheiro desagradavel, que parecia lhes descia até o fundo do estomago, onde experimentavão certa sensação desagradavel (*Mem. sur les Fievres* p. 103.); este facto, a inappetencia, a nausea, e outros symptomas gastricos, com que começa commumente o typho moderado, a prompta cura que se consegue ás vezes, dando-se no principio hum vomitorio, os terriveis symptomas gastricos, com que começa o typho grave denominado febre amarella, o vomito negro, e a inflammação do estomago, que se observa nos que perecem desta terrivel enfermidade (Blane *Diseases of Seamen Part.* III. Cap. 13.) mostrão convincentemente, se me não engano, que o estomago nos casos de typho recebe e he irritado immediatamente pela contagião, e não, como insi-

bofe, e o que acontece quando se faz pelo bofe, e juntamente pelo estomago.

6 Quando sómente o bofe recebe a contagião he de crer, que os capillares e mais vasos, quer secretorios, quer absorventes desta entranha, esporeados por aquelle extraordinario estimulo, passem a hum extraordinario excitamento, do qual resulte grande consummo do *poder sensorio* de irritação (Cap. XIII. 22.), e após isto o torpor dos mesmos vasos. (ibid. 28.) (*).

Em

---

nua o sábio D.r Wilson, pela sympathia que o estomago tem com as demais partes do systema, e pela superior sensibilidade, de que goza esta entranha (*A Treat. On Febr. Diseas.* vol. I. p. 456.).

(*) Eu digo aqui, que a contagião, irritando o bofe, produz o torpor dos capillares etc. desta entranha: isto porém he quando a contagião augmenta demasiadamente os movimentos irritativos, sem todavia produzir *sensação* o que, segundo presumo, succede ordinariamente, mas he possivel, que a contagião seja algumas vezes tal que induza *sensação* (Cap. XIII. 12.), e depois inflammação; neste caso a

7 Em consequencia deste torpor, e da *sympathia directa*, que ha entre o bofe e o estomago (*Zoon. Sup.* I. 9. 1.), e entre o bofe e a pelle (Cap. XIII. 21.), começa a fraquear a acção dos vasos capillares e secretorios, tanto da pelle como do estomago, e daqui vem a estranha sensibilidade ao frio, e a inappetencia, que precedem proximamente a febre.

8 Da enfraquecida acção do estomago, pela *directa* e immediata sympathia, que há entre este e o coração (Cap. XIII. 21.), segue-se o torpor do coração e das grossas arterias; por outra subsequente, mas semelhante, sympathia entre o estomago e o cerebro (*Zoon. Sup.* I. 10.) segue-se o torpor do cerebro (*).

A

---

febre resultante seria *sensitiva irritada* (inflammatoria), ou meramente *sensitiva* segundo a robustez, ou irritabilidade do sujeito.

(*) A sympathia directa entre o cerebro, e o estomago deduz-se de muitos

9 Achando-se successivamente entorpecidos o bofe, estomago, coração, va-

---

phenomenos ; taes são o vomito em consequencia de vertigem e de pancadas na cabeça ; vertigem com quebrantamento de forças durante a nausea dos emeticos ; vigor nas faculdades intelectuaes depois de se tomar moderado alimento, e fazendo-se boa digestão : inaptidão para os exercicios mentaes havendo indigestão ou fome ; inappetencia e má digestão depois de grandes meditações etc. — Eu julgo, que a sympathia, que há entre o estomago e cerebro, não he tão prompta nem talvez tão forte, como a que há entre o estomago e o coração, ou, por outros termos, que esta he immediata, e aquella subsequente e talvez mais fraca que esta. Sou desta opinião pelas razões e phenomenos seguintes :

Sendo certo, que a repetição simultanea, ou successiva das acções dos diversos orgãos he que os torna associados, ou sympathicos (Cap XIII. 17.) ; he manifesto, que se trez orgãos forem reiteradas vezes excitados successivamente, e na mesma ordem, hão de formar huma cadeia de movimentos associados, em consequencia da qual o primeiro annel sympathizará com o segundo e com o terceiro, mas, por isso que os movimentos do segundo annel

vasos capillares, e cerebro, todas as mais partes do systema se entorpecem mais

costumão seguir-se immediatamente aos do primeiro, e os do terceiro depois dos do segundo, quando o primeiro annel for modificado no seu excitamento, manifestar-se-ha a sympathia, que tem com o segundo annel, antes que appareça a que tem com o terceiro.

Para se ver pois que entre o estomago e o coração ha maior, ou mais prompta sympathia, que entre o estomago e o cerebro, basta reflectir, que o estomago, coração e cerebro são quotidianamente excitados na referida ordem pelo estimulo do alimento, o qual excitando primeiramente o estomago, depois de soffrer alli o processo da digestão, vai em estado de chylo augmentar os ordinarios estimulos do coração, e ultimamente tendo-se sanguificado, provavelmente no bofe, pela decomposição parcial, que a soda talvez obra no seu phosphato branco de ferro, e pela sobre-oxygenação e consecutivo rubor do ferro desphophatizado (Fourcroy *Syst. Des Connaiss. Chim.* t. X. p. 376), vai remoçar o sangue, e fornecer-lhe principios para as differentes secreções, tornando-o desta sorte mais excitante dos differentes orgãos secretorios, dos quaes o primeiro excitado he provavel-

mais ou menos por *associação*, e, quando o torpor tem chegado a certo gráo, apresentão os symptomas ou phenomenos, que se observão no periodo do frio febril. Assim em consequencia do torpor dos vasos capillares e secretorios do bofe, a circulação do sangue por esta entranha he mais languida, e são mui diminutas as respectivas secreções. Daqui vem a respiração fria (*Zoon.* Art.

---

mente o cerebro pela proximidade do coração, e pela direcção recta das arterias carotidas.

O que estas reflexões tornão verosimil, apoia-se tambem em factos. He bem sabido de todos, que quando se dá a Dedaleira em sufficiente dóse, mas sem ser tal que excite vomito ou náusea, o pulso torna-se fraco e vagaroso, antes de se manifestar nos sentidos e faculdades intellectuaes alteração alguma; continuando-se porém o uso da Dedaleira, ou augmentando-se a dóse, sobrevem nausea, vomito, vertigens ou perturbações de cabeça, offusca-se a vista, vem syncope etc.: de cujos phenomenos se collige, que ha mais prompta e maior sympathia entre o estomago e o coração, que entre o estomago e o cerebro.

Art. VII. 2. 3. 1.) (*) — Do torpor dos rins provem a pouca urina, e do torpor dos absorventes da bexiga sua apparencia aquosa (*Zoon. Sup.* I. 2. 6.) — Do torpor das aponevroses e do pericraneo ou meninges vem as dores dos lombos, da cabeça etc. (*Zoon. Sect.* XXXII. 3. 1. e *Sup.* 1. 2. 5.) — A frequencia, e debilidade do pulso provém do torpor do coração, das arterias (*Zoon. Sect.* XXXII. 2.), e dos capillares, principalmente do bofe, de cuja debil acção resulta retardação no sangue que por elles passa, e daqui resistencia ao que impelle o coração, o qual por isso se não póde evacuar bem, e he consequentemente estimulado, e obrigado a mais frequentes contracções (*Zoon. Sect.* XXXII. 9. 1.) — Emfim do torpor das arterias capillares, dos vasos exhalantes, e das glandulas cutaneas vem a falta de transpiração, a seccura das cha-

(*) Veja-se a nota seguinte.

chagas (*Zoon.* Cl. I. 2. 2. 3.), em huma palavra, a falta de todas as secreções cutaneas; e como o calor animal he proporcional ás secreções (*Zoon.* Cl. I. 1. 2.) (*), resulta dalli o frio

e

(*) A causa do calor animal tem sido hum abstruso problema, que os chimicos modernos pretendem ter resolvido. A respiração he segundo elles o manancial do calor animal, porque prova-se que no acto d'aquella há huma especie de combustão, na qual o calor ou calorico latente do gaz oxygenio atmospherico se despriende, e aquece, segundo elles pensão, o sangue até o gráo que o carecteriza (Fourcroy *Syst. Des Connaiss. Chim.* V. X. p. 37.) — Esta theoria ainda que explica muitos dos phenomenos do calor animal, v. g. por que os animaes que menos, ou nada respirão, tem o sangue frio; por que os de sangue quente aquecem com o exercicio que accelera a respiração etc., todavia não explica todos, v. g. os calores parciaes morbosos, a respiração fria no periodo do frio febril etc., — Para se dar a razão destes phenomenos nada há tão plausivel como a theoria do D.r Darwin, o qual deriva das secreções o calor animal. Com effeito sendo as secreções novas combinações ou

e palidez cutenea (*Zoon. Sect.* XXXII. 9. 1.), e deste frio ou falta do calor, a

---

novos productos , e não meras segregações , pois que os diversos fluidos , que nellas se manifestão , não se achão preexistentes ou já formados no sangue , e como durante o acto das novas combinações commummente se desprende calorico ; e como tambem o calor augmenta , quando augmentão as secreções (*Zoon.* Art. II. 2. 1. 1.), parece racionavel attribuir o calor animal ás secrecões. Ponderando porém os fundamentos de huma e outra theoria , parece que os chimicos modernos , e o D.r Darwin não se enganão sobre a origem do calor animal , senão em suppôrem huma só. Admittindo os principios demonstrados pelos chimicos , e os *innegaveis* do D.r Darwin parece me dever se considerar a theoria de Darwin como o complemento da dos chimicos modernos , e explicar-se a origem do calor animal desta sorte.

Constando pelas engenhosas experiencias de Crawford , que o sangue venoso abunda de hydrogenio e *carbonio* ; que perde estes principios quando passa pelo pulmão para o systema arterioso ; que perdendo-os adquire mais capacidade para o colorico ; sendo tambem

a desagradavel sensação, que occasiona ás vezes horripilações ou tremor fe-

---

certo que o sangue arterioso he mais espumecente e mais quente que o venoso, e sendo indubitavel que o ar atmospherico respirado perde o seu gaz oxygenio e se torna em gaz acido carbonico carregado de humidade, he de colligir que no acto da respiração parte do gaz oxygenio do ar atmospherico se liga como o hydrogenio e carbonio do sangue venoso, e forma gaz acido *carbonico* e huma porção da humidade que se expirão, outra parte une-se ao mesmo sangue deshydrogenado e descarbonizado: nestas trez combinações desprende-se muito calorico principalmente na primeira e terceira, porque na primeira o gaz oxygenio perde o estado gazoso para fórmar a humidade; na segunda, apesar do producto ser gazoso, desprende-se todavia algum, porque o novo gaz ou gaz acido carbonico tem menos capacidade para o calorico, que o gaz oxygenio. O calorico, que se liberta nestes trez processos, une-se com o sangue deshydrogenado e descarbonizado, porque pela perda do hydrogenio e carbonio adquirio mais capacidade para o calorico. Modificado desta sorte no bofe o san-

febril que não he mais que movimentos convulsivos ou volitivos (Cap. XIII. 16.)

---

gue venoso, i. h. perdendo o seu hydrogenio e *carbonio*, e adquirindo o oxygenio e mais calorico, passa ao systema arterioso, em cujas innumeraveis extremidades secretorias se despoja do oxygenio, que fornece para as diversas secreções; dalli passa ás primeiras ramificações ou origens do systema venoso, carregado do hydrogenio, e *carbonio* que resultão d'aquellas secreções; e como pela perda do oxygenio, e acquisição do hydrogenio e *carbonio* perde da capacidade que tinha para o calorico, desprende-se este, e torna-se sensivel. Daqui se collige porque tudo o que accelera a circulação do sangue augmenta o calor. Da acceleração do sangue segue-se augmento de secreções e por conseguinte augmento de calor.

Não dissimularei comtudo que esta theoria ainda não remove todas as duvidas por que não parece sufficiente para explicar certos calores instantaneos, em que não parece haver tempo para as combinações chimicas das secreções, v. g. quando córamos por ouvir cousa que nos envergonha. O D.r Darwin attendendo talvez a esta difficuldade, sus-

16.), para aliviar aquella dor (*Zoon. Sect.* XXXIV. 1. 2. e Cl. III. 1. 1. 2.)

10 Durante o frio febril ou topor geral do systema o *poder sensorio*, que se segrega (Cap. XIII. 2.) e dimana perennemente do cerebro e espinhal medulla para todas as partes da systema, e que se costuma consumir nas respectivas ordinarias acções (Cap. XIII. 22.), pela diminuição destas despende-se ou consume-se muito menos, e por conseguinte sobra mais e mais ou accumula-se em todo systema (*), com a differença que nos orgãos, que

peitou, mas não provou, que havia orgãos proprios para segregar o calor (*Zoon.* Cl. I. 1. 2.). Tanto he certo que não he só huma a causa do calor animal!

(*) Ainda que o cerebro está entorpecido e por isso segrega menos *poder sensorio* do que costuma, todavia póde fazer-se accumulação de *poder sensorio* nos diversos orgãos do systema; 1.º porque o topor do cerebro he posterior e consecutivo ao torpor do systema arterioso; 2.º porque aquelle he tambem me-

que não costumão estar em perpetua acção, v. g. os musculos voluntarios, para os quaes por consequencia não ha tão perenne, ou tão copiosa affluencia de *poder sensorio*, na breve duração do frio febril mui pouco, ou nenhum *poder sensorio* se póde accumular (*Zoon. Sect.* XII. 52. e *Sup.* I. 3. 1.); no bofe, que foi exhaurido de *poder sensorio*, ou entorpecido pelo extraordinario estimulo da contagião, por acaso se póde accumular tanto como o natural, e por isso permanece em estado de torpor, ainda que menor que no tempo do frio; no estomago por ser sujeito a quasi continua acção, e por que se entorpeceo não por excesso de estimulo ou de acção, mas por defeito de excitamento de *associação*,

H ha-

nos que este, tanto por ter provavelmente o cerebro menor sympathia com o estomago do que tem o systema arterioso, como por aquelle estar encerrado em huma caixa ossea, e por isso mais ao abrigo da torpente acção do frio.

haverá alguma accumulação preternatural de *poder sensorio*; no coração porém e grossas arterias, nos vasos capillares, glandulas, e outros orgãos, por que são sujeitos a continua acção, e porque cahírão em torpor por *associação directa* com o estomago, accumula-se extraordinariamente o *poder sensorio* (Cap. XIII. 23, e 24.).

Desta differente mas geral accumulação de *poder sensorio* durante o frio febril resúlta que cada orgão por fim he posto proporcionalmente em maior acção ou excitamento pelo seu respectivo ordinario estimulo (Cap. XIII. 30.) — Daqui vem a metamorphose dos symptomas do frio nos do orgasmo ou calor febril. Assim pela accumulação extraordinaria do *poder sensorio* de *irritação*, e de *associação* no estomago, haverá nesta entranha extraordinario excitamento, e por isso o alimento tomado nesta occasião, augmentando aquelle excitamento, pro-

du-

duzirá anciedade, ou dor (Cap. XIII. 12.), e por sympathia augmentará todos os symptomas febris. — Semelhantemente pela accumulação que se tem feito no systema vascular, e pelo excitamento de *associação*, que resulta do mencionado grande excitamento do estomago, sobrevem excessivo excitamento do coração, e do systema arterioso, e por isto tornando-se mais rapida a circulação do sangue, sente-se o pulso mais frequente, e mais forte. — Por esta acceleração do sangue, e pela accumulação de *poder sensorio*, que houve nos orgãos secretorios, augmentão-se as secreções, e com estas o calor (*), o qual, evaporando grande parte da transpiração e das mais secreções externas, e ao mesmo tempo estimulando fortemente os absorventes cutaneos a absorver o resto, torna a pelle seca a pezar do augmento que há nas secreções cutaneas. — Pela augmentada acção

(*) Veja-se a nota ao §. 9. deste Cap.

dos vasos renaes, e dos absorventes da bexiga a urina he mais córada. — Semelhantemente pelo augmentado excitamento do figado, pancreas, e mais visceras ou glandulas abdominaes ha maior secreção de bilis, e dos mais fluidos intestinaes, por cuja causa ás vezes ha dejecções na declinação do parocismo, ou quando os absorventes internos por *sympathia directa* com os externos (Cap. XIII. 21.) não absorvem á proporção das secreções (*Zoon. Sect.* XXXII. 9. 2.) etc. etc.

12 No decurso deste orgasmo geral vai-se consumindo por toda a parte do systema o accumulado *poder sensorio* (Cap. XIII. §. 22.), e por isso passado tempo começa o orgasmo a declinar, ou começa a febre a remittir.

13 Reflectindo agora no estado das differentes partes do systema no principio do orgasmo ou calor febril, he facil dizer a terminação deste, ou o termo da remissão da febre.

To-

14 Todas as partes do systema, á excepção do bofe, tem no principio do periodo do calor febril tanto ou mais do ordinario *poder sensorio* (Cap. IV. §. 10.); todas por conseguinte á excepção do bofe no progresso do orgasmo, viráõ a reduzir-se, não intervindo causa extraordinaria (*), ao seu, pouco mais ou menos, ordinario *poder sensorio*; assim o estomago, coração, e todas as mais partes, menos o bofe, chegaráõ a obrar com a sua natural energia, e por consequencia cessará a febre, a qual durante o orgasmo consiste principalmente no extraordinario excitamento do systema arterioso, e durante o periodo do frio no torpor do

(*) Podem occorrer differentes causas pelas quaes a febre, que haveria de intermittir, não intermitta, ou que depois de ter o typo intermittente, se torne continua; são todas as que induzem hum torpor permanente do estomago, e as que excitão preternaturalmente no systema o *poder sensorio* de *sensação*.

do mesmo systema por *directa* e immediata *sympathia* com o estomago entorpecido.

15 A esta apyrexia seguir-se-ha pleno restabelecimento, ou hum novo parocismo febril, segundo o estado de torpor em que ficou o bofe. Se este, durante o frio ou accumulação geral do *poder sensorio*, recuperou sufficiente quantidade, e durante o orgasmo perdeo pouco do recuperado, ficará em estado de diminuto torpor, que não será capaz de excitar hum novo parocismo, e assim ficará são o doente.

16 Mas se o remanecente torpor do bofe he grande, então este pela *directa sympathia*, que tem com o estomago, e capillares cutaneos (Cap. XIV. 7.) irá influindo nas acções destes orgãos, até que ou por si só, ou pelo auxilio accidental do frio, gravitação solar etc. cause no fim de 24 ou 48 horas novo torpor dos capillares cutaneos e do estomago, e subsequentemente hum novo parocismo.

Se

17 Segundo estes principios quando o contagio do typho se faz meramente pelo bofe vem ou huma diaria, semelhante á que padeceo o D.r Darwin, inhalando o vapor suffocativo de hum lamaçal (*Zoon. Sup.* I. 9. 2.), ou huma febre intermittente. Daqui se colige, porque nas epidemías de typhos se encontrão ao mesmo tempo febres intermittentes (*), como eu observei na epi-

(*) As febres intermittentes tem sido geralmente consideradas como filhas de hum miasma differente do que produz o typho. Cullen diz » *Nullum quidem febrium intermittentium principium sufficiens præter miasma paludum agnoscimus* » (*Nosol.* Cl. I. Ord. I. Sect. I. Gen. I. Sup. I. Var. 5.*.), e nesta persuasão dá por caracter das intermittentes a origem de miasmas ou exhalações pantanosas (ibid. Cl. I. Ord. I Sect. I.).

Não se póde duvidar, que aquellas exhalações são a causa mais ordinaria das sezões, mas asseverar, que ellas tem exclusivamente a prerogativa de produzir estas febres, parece me, não obstante a grande autoridade do D.r Cullen, não só huma proposição gratuita, mas até erronea. Não mencionarei em

epidemía da Esquadra do Estreito (Veja-se adiante a Carta ao D.r Currie), co-

---

prova as intermittentes venereas de Monro, Deidier etc., nem as terçãas originadas de sarna, de que fazem menção Junker, e Offman, porque o D.r Cullen pretende, que humas, e outras provém de miasmas paludosos com a differença, que aquellas são reputadas por elle complicadas com o gallico, e estas occasionadas ou excitadas pela sarna (*Nosol.* ibid.): citarei porém o typho, que começa por intermittente (Lind. *Mém. sur les Fiev.* p: 13.), as sezões pestilenciaes de que falleceu M.r Witt, tendo-se inoculado da peste (*Med. and Chirurg. Review* N. 64. p. 41.), e se ainda nestes casos se imaginão miasmas paludosos, citarei em prova as frequentes intermittentes originadas e entretidas por aperto (*strictura*) da urethra, de que faz menção M.r Home (*Med. and Chir. Review.* N. 61. p. 17.), e de que occorreo hum caso em hum Magistrado desta Corte, as quaes são insuperaveis pela quina, e mais remedios usuaes, e cedem a hum caustico applicado desorte, que destrua o aperto da urethra.

Dirão talvez, que estas intermittentes são symptomaticas, e diversas das genuinas: mas quaes são as não symptomaticas, ou que não

como observou o D.r Pugnet na peste da Armada do Oriente (ibid.), e como

provenhão de huma affecção local ? Segundo o D.r Darwin todas as intermittentes provém do torpor permanente de huma parte limitada do systema, v. g., dos absorventes cellulares, ou de huma entranha, ou de huma parte dos vasos secretorios (*Mta. Med.* Art. IV. 2. 3. 2. *Zoon. Sup.* I. 12. 10.); por conseguinte são todas sympathicas de huma affecção local: ora que as intermittentes provém do torpor de alguma parte do systema, ve-se manifestamente nas que são acompanhadas de sensiveis obstrucções: e destas, assim como das que provém d'aperto da urethra se póde concluir por analogia, que as outras porcedem tambem de affecção local. Por esta doutrina, e porque os differentes orgãos de nosso corpo tem huma irritabilidade particular (Veja se adiante a nota ao §. 29. deste Cap.), comprehende-se porque muitas sezões resistem á quina, e cedem a outros, e diversos remedios: ve-se tambem, que o methodo ordinario de tratar as sezões, que he frequentemente falivel pela uniformidade, e inattenção á affecção local que as occasionou, se póde melhorar muito pela investigação d'aquellas affecções, e pela observação, e uso dos remedios que são mais capazes de as curar.

mo se observou na peste de Marselha (Pinel. *Nosogr. Philosoph.* v. 1. p. 128.).

18 Passemos agora a vêr o que succede quando o contagio se faz pelo estomago, e bofe simultaneamente.

19 Sendo o estomago e bofe atacados ao mesmo tempo, he manifesto que hade haver a mesma serie de symptomas acima descripta, com a modificação que resulta da influencia do differente estado do estomago. Cumpre pois averiguar qual he este differente estado, e quanto elle modifica as acções dos diversos orgãos do systema.

20 Vimos acima, que quando a materia da contagião hia meramente ao bofe, causava o torpor desta entranha pelo preternatural excitamento que nella occasiona (Cap. XIV. 6.), e entorpecia depois tambem o estomago, não pelo pôr em extraordinario excitamento, mas por sympathia (ibid. 7.). No caso precedente, èm que a contagião

vai

vai ter tanto ao bofe, como ao estomago, he manifesto, que tanto aquella entranha, como esta, ha de cahir em torpor, mas que o torpor do estomago neste caso he diverso do que elle tem no primeiro.

21 Por quanto no primeiro caso sendo o torpor do estomago meramente sympathico, ou devido á falta de excitamento de *associação*, não houve nelle consummo, pelo contrario há accumulação de *poder sensorio*, e por conseguinte o torpor neste caso he o que os Brownianos chamão *debilidade directa*. Pelo contrario no segundo caso, em que o estomago he, como o bofe, estimulado preternaturalmente pela contagião typhosa, haverá tambem naquelle, excitamento preternatural (*), a que se se-

(*) Este preternatural excitamento, que precede ao torpor do estomago, parece ser diverso em diversas circunstancias. Quando a contagião typhosa, ou por mais concentrada, ou por mais refinada, he mui estimulante, e ao mesmo tempo o sujeito que a recebe he

seguirá extraordinario consummo de *poder sensorio*, e depois aquella bem diver-

---

vigoroso ou dotado de bastante irritabilidade, o excitamento morboso do estomago póde ser tão grande, que então esta entranha actue por *directa sympathia* o coração (*Zoon. Sup.* I. 8. 3. no fim), e augmente a acção do systema arterioso e dos capillares cutaneos, produzindo huma febre *irritativa* ou synocha, aqual se converte em typho, quando por effeito do extraordinario excitamento do estomago, dos differentes systemas vasculares, das glandulas etc., se tem dissipado tanto *poder sensorio* de *irritação* e d'*associação*, que o estomago cahe em torpor ou *debilidade indirecta*, e em consequencia desta e da *directa sympathia* do estomago com o coração, este e o systema arterioso executão frouxamente as suas acções, e os capillares pela *inversa sympathia* com o estomago (*Zoon.* Cl. IV. 1. 1. F.) conservão se em orgasmo. Quando a febre se manifesta desta sorte temos o synocho de Cullen e duas differentes especies de febre segundo Darwin: por principio he huma synocha ou *irritativa*, e depois ou huma *inirritativa*, ou huma *sensitiva inirritada*, ao

versa especie de torpor, que os Brownianos chamão *debilidade indirecta.*

22 Apezar desta differença (Cap. XIV. 21.), como he mais o gráo que a qualidade do excitamento do estomago, que modifica o excitamento do coração, a immediata influencia do estomago entorpecido sobre o excitamento do coração, he neste caso a mesma que era no primeiro (Cap. XIV. 7.), i. h., o coração por sympathia di-

---

que cumpre attender muito para applicar tempestivamente os remedios adequados. O Dr. Darwin pela sua extraordinaria perspicacia já tinha suspeitado, que a mesma peste podia almas vezes ser huma febre desta indole (*Zoon. Sup.* L. c.), isto he o que, segundo me parece, se observou na febre pestilencial, que em 1804 devastou Gibraltar. Hum Cirurgião Francez, Deguerroy, se me não engano, que se achava nesta Praça, e que affoutamente tomava o pulso, e fazia todas as observações, que costumão indicar a indole de huma febre, achou, que a sangria, praticada dentro das primeiras 6 horas da enfermidade, era salutar.

directa com o estomago entorpecido, cahe tambem agora em torpor.

23 Achando-se o bofe, estomago, e coração entorpecidos da maneira exposta (Cap. XIV. 21, e 22.), tambem cahe em torpor o cerebro (Cap. XIV. 8.), e depois, bem como no primeiro caso (Cap. XIV. 7. e 9.), sobrevem hum torpor geral, ou o primeiro periodo de hum parocismo febril.

24 Neste periodo haverá como no primeiro caso (Cap. XIV. 10.), accumulação geral de *poder sensorio*, com a differença, que o estomago assim como o bofe, por isso que forão entorpecidos pelo extraordinario estimulo da contagião, i. h., por exhaurição de *poder sensorio* (Cap. XIV. 20, e 21.), não recobraráõ seu natural *poder sensorio*, e consequentemente permaneceráõ entorpecidos.

25 Todavia por effeito da accumulação de *poder sensorio*, que se faz

no

no systema vascular, glandulas etc. (Cap. XIV. 2. 4.), ao periodo do torpor segue-se o do orgasmo d'aquelles orgãos (Cap. XIII. 30.), o qual he em geral menor que no primeiro caso (Cap. XIV. 11.), porque no caso actual, em consequencia do torpor permanente do estomago (ibid. 24.), o systema arterioso só he actuado por *irritação*, e não por *irritação* e *associação*, como no primeiro caso (ibid. 11.), além disto o *poder sensorio* de *irritação* he menor, porque se segrega tambem menos no cerebro, por este ter ficado hum tanto entorpecido por sympathia com o estomago.

26 Ao periodo de orgasmo (Cap. XIV. 25.) segue-se a remissão pela mesma razão acima exposta (ibid. 12.).

27 Reflectindo-se agora quão diverso he o estado do estomago nesta remissão, do que era na remissão do primeiro caso, he facil mostrar, que a febre, que no primeiro caso intermittia, neste ha de continuar. No

28 No primeiro caso (XIV. 6.), a febre intermitte porque o estomago e systema arterioso, reduzindo-se, no progresso do orgasmo, ao seu, pouco mais ou menos, ordinario *poder sensorio* (ibid. 14.), ficão quasi no seu usual excitamento; pelo contrario no caso actual (ibid. 18.), em que o estomago permanece em torpor (ibid. 24.), o coração e arterias grossas não podem recuperar suas naturaes acções ou usual excitamento, porque este he composto do excitamento de *irritação* que produz o estimulo do sangue, e do excitamento de *associação*, que produzem regularmente as prévias naturaes acções do estomago; e como estas agora faltão por causa do torpor permanente do estomago, resta só ao coração o diminuto excitamento de *irritação* (Cap. XIV. 25.), e por consequencia as suas contracções serão mais fracas (Cap. XIII. 11.) e mais frequentes do que he natural (*Zoon. Sect.* XXXII.

XXXII. 2. 1. e *Sup.* I. 12. 5.); desta sorte o pulso conservar-se-ha debil e frequente, i. h., febril. Passemos ainda a ver o que daqui resulta.

29 Ficando mais debeis as contracções do coração, e do systema arterioso, não por prévia applicação de demasiado estimulo, ou por exhaurição de seu *poder sensorio*, mas por falta principalmente do excitamento de *associação* (Cap. XIV. 27.), accumula-se no coração e arterias parte do *poder sensorio* de *associação*, que nelles se costumava despender, e que se não despende agora, e empregando-se no immediato annel da cadeia de movimentos associados, i. h., nos capillares cutaneos, conserva-os por inversa sympathia (*Zoon. Sup.* I. 11. 5. e 6; ibid. 12. 5.) em demasiado excitamento, ou orgasmo, que se patenteia pelo calor preternatural da pelle (*).

(*) He difficil explicar porque os capillares cutaneos sympathizão com o estomago

30 Quando o orgasmo dos capillares he pequeno por falta grande e ge-

já directa já inversamente. O D.r Darwin, este Newton nas leis da vida animal, que com a penetração do homem de genio entrevio, e deo as primeiras noções das leis das *associações*, já-se penas infinitas naquella explicação (*Zoon. Sup.* I 8.), mas não deixa o Leitor mais satisfeito do que elle mesmo estava (*Zoon.* Cl IV. 1. 1. F.). He provavel, como elle pensa (ibid.), que a differente secreção de *poder sensorio* no cerebro, a diversa quantidade que se acha nos orgãos, a mobilidade delles, a variedade de *poderes sensorios*, que se achão actuando o systema, possão fazer as sympathias já directas, já inversas; presumo porém, que a diversidade das sympathias depende tambem muito da qualidade dos estimulos, que actuão o orgão ou annel introductor.

Em prova disto vou mostrar 1.°, que cada orgão tem huma irritabilidade, ou excitabilidade particular; 2.° que o excitamento, ou acção, que produz cada potencia estimulante, he mais, ou menos diversa, ou peculiar; 3.° que provavelmente por estas duas causas as sympathias hão de ser diversas.

Que cada orgão tem huma irritabilidade

geral de *poder sensorio* de *irritação* em consequencia de grande torpor do

particular, quero dizer, que he excitado fortemente por certas quantidades de certos estimulos, as quaes pouco ou nada excitão outros orgãos, he huma verdade que parece ter sido entrevista pelos antigos, os quaes reputavão alguns dos purgantes, hydragogos ou evacuantes da lympha, outros cholagogos ou evacuantes da bilis etc. Os modernos, que pela maior parte tem sido menos observadores que systematicos, quasi a frouxo tem rejeitado esta doutrina. O D.r Darwin porém fella reviver (*Mat. Med.* Art. III. e IV.), fundando-se na differente estructura das glandulas, e na diversidade tanto dos humores que ellas segregão, como dos que são absorvidos pelos differentes ramos do systema absorvente (*Mat. Med.* Art. IV. 2. 1. 1.). A estas ponderosas razões podem ajuntar-se muitos factos, que póem esta verdade fóra de toda a duvida.

Quem não adverte, que a luz, que excita os olhos, não excita os ouvidos; e que o som ou ar vibrado, que excita os ouvidos, não excita os olhos? O mesmo he a respeito dos estimulos naturaes dos mais sentidos externos. Todos sabem que a agua, que bebemos e se

cerebro, já por sympathia, já por diminuição de estimulos naturaes como nas

vai misturar com o sangue, pouco excita o systema vascular, mas que irrita tanto a trachea, que faz tossir: o inverso succede com o ar; este, que respiramos sem incommodo e por neccessidade, incommoda, e mata como hum veneno, quando introduzido nos vasos sanguineos de animaes de sangue quente (Marrh. *Prælect in Boerhaav. Inst.* L. 2. p. 189.). O veneno das cobras, applicado ao nosso corpo por ferida, he fatal, bebido não he perigoso (Linn. *Syst. Nat. Class.* III. *Prolegom.*). » » O *Curare*, famoso veneno da India, uni- » camente obra como veneno quando em con- » tacto com o sangue: tomado internamente » he tido por hum bom remedio estomacal » (*Med. and Chirurg. Review* Vol. XI. N.º » LXVI.) ». O Mercurio, como he notorio, obra particularmente sobre as glandulas salivaes, cuja secreção augmenta notavelmente. As cantharidas, ainda que capazes de irritar todas as partes a que se applicão, irritão com especialidade os rins e bexiga, pois tem-se visto sobrevirem symptomas de inflammação nestes orgãos pelo seu uso interno em dóses, que não excitão notavelmente o estomago (Brosser. *Med. Prat.* V. 1. p. XXXVIII.);

nas pessoas innanidas (*Zoon. Sect* XXXII. 4. 1.) , e nas que tem hum san-

---

Semelhantemente o azevre excita com particularidade os intestinos , porque até applicado externamente faz purgar (Murray *App. Med.* V. 5. p. 251.) ; pelo contrario o tartarito de potassa antimoniado actua com especialidade o estomago , pois introduzindo-se nas veias sanguineas nenhum orgão soffre senão o estomago , no qual se inverte o movimento a ponto de vir o vomito (Bross. ibid.). O extracto da *Pulsatilla nigricans* tomado na boca produz inflammação nos olhos , e a belladona , *Atropa Belladona* Lin. , tomada internamente faz dilatar a pupilla tanto , que quasi desapparece o iris (id. ibid.). O galvanismo applicado a qualquer parte do rosto faz vêr hum relampago , o que não acontece applicando da mesma sorte a electricidade ordinaria (Aldini *Ess sur le Galvan.* T. I. p. 72. e 192.). A contagião do sarampo parece actuar com especialidade os olhos , e orgãos da respiração ; a da febre escarlatina a garganta e o estomago ; a da dysenteria os intestinos : a da legitima peste o systema lymphatico ; e a do typho o estomago.

Que o excitamento , ou acção que produz cada potencia estimulante he mais ou

sangue deslavado (ibid. 5. 2.) etc., o calor he pouco, e a febre he inirritata-

menos peculiar, patenteia-se sobejamente pela diversidade das chagas que provém dos diversos *virus*, venereo, rabioso, bouboso, das bexigas humanas, das bexigas vaccinas, das cobras etc.; todos sabem, que aquellas chagas são diversas no aspecto e nos symptomas, e que segregão huma materia peculiar ou especifica: nestas circumstancias poderemos dizer, que o excitamento ou acções organicas produzidas por aquelles differentes *virus*, e semelhantemente pelas demais potencias estimulantes, não são peculiares ou diversas em qualidade? Penso que não; muito mais obervando-se que huma chaga póde mudar de qualidade, e passar de virulenta a chaga simples pela applicação de outro estimulo, como o de hum escarotico, que mude o excitamento ou acção morbosa que nella ha.

Tendo cada orgão sua peculiar irritabilidade, e produzindo os differentes estimulos differentes sortes de excitamento ou de acções em qualquer orgão, não duvido affirmar, que as sympathias que sobrevem á applicação de diversos estimulos a hum orgão, hão de diversificar segundo a qualidade dos estimulos, ou seja porque parte do estimulo he absor-

tativa, ou o typho moderado (*Zoon.* Cl. I. 2. 1. 1. *Sup.* I. 8. 10.).

31 Quando porém, em consequencia de menor deficiencia de *irritabili-*

du-

---

vido e vai excitar os orgãos, sobre que tem mais acção, ou seja porque o diverso excitamento ou acção tem associada outra diversa acção em outro orgão.

Sem esta supposição acho muitas anomalias, ou muitos phenomenos, que me parecem inexplicaveis pelas suppostas leis geraes do excitamento, e das sympathias Sem esta verosimil supposição como se póde dar a razão dos effeitos do azevre, da belladona, da pulsatila etc. acima mencionados? Porque ao torpor do estomago occasionado pela contagião typhosa sobrevem frequencia, e debilidade de pulso com orgasmo e calor cutaneos; e ao torpor do estomago produzido pela dedaleira sobrevem pulso fraco mas vagaroso, nenhum orgasmo cutaneo, e orgasmo ou maior acção dos absorventes pulmonares etc.? Porque ás feridas feitas por cão derramado sobrevem hydrophobia e priapismo, ás boubosas cravos (especie de verrugas) nas solas dos pes; ás diversas contagiões exanthematicas diversos exanthemas? etc. etc. etc.

dade, e de maior actividade nos estimulos, aquelle orgasmo (Cap. XIV. 29.) he tão grande que causa dor, ou sensação molesta (Cap. XIII. 12.), excita-se o *poder sensorio* de *sensação* o qual auxiliando o de *irritação*, augmenta (Cap. XIII. 11.), e prolonga (ibid. 33.) os movimentos *irritativos* (*), donde resulta mais força no pulso, no qual tambem se observa certa rijeza, devida provavelmente a maior orgasmo dos *vasa vasorum* ou capillares das tunicas das arterias, em consequencia da *associação* destes com os cutaneos (**); neste caso ha tambem

(*) Desta sorte ás vezes as febres intermittentes se tornão continuas pelo abuso de remedios incitantes, sorbentes, ou secernentes, os quaes chegando a causar dor, ou começo de inflammação, despertão o *poder sensorio* de *sensação*.

(**) O D.r Darwin não he coherente na explicação desta rigeza de pulso; porque na Cl II. 1. 3. 1. diz: » A tunica da arteria » *nas febres inflammatorias*, tanto n'aquellas em

bem mais calor, o qual augmentando ainda mais o excitamento dos vasos ca-

» que o pulso he forte, como n'aquellas em » que he fraco (i. h., tanto *na sensitiva irritada*, ou inflammatoria, como na *sensitiva inirritada* ou typho grave) sente-se mais » dura, ou mais semelhante a huma corda; » porque *as tunicas das arterias nestas febres* » *estão ellas mesmas inflammadas*, e por con- » seguinte turgidas de sangue, por isso se » achão mais tensas ou resistentes á com- » pressão, a pezar de serem fracas as suas vi- » bracões » e no Suppl. I. 15. 1. diz » quan- » do as acções de alguma parte do systema » dos capillares augmentão até certo gráo, » excita-se sensação, e ha mais calor; quando » esta augmentada acção dos capillares se » torna ainda mais energica pelo concurso dos » *poderes sensorios* de *irritação*, e de *sensação*, » segregão-se novas fibras, e novos fluidos, e » formão se novos vasos, a que se chama » inflammação, *se esta existe sómente nos vasos* » *capillares da membrana cellular ou pelle, e o* » *pulso he fraco, temos a febre sensitiva inir-* » *ritada ou maligna*; *se as tunicas das arterias* » *estão tambem inflammados, temos a sensitiva* » *irritada, ou inflammatoria.* » Quandoque bonus dormitat Homerus.

capillares, e dos secretorios cutaneos por serem mais excitaveis por este estimulo que o resto do systema (*Zoon. Sup.* I. 5. 2.), mais cedo, ou mais tarde induz frequentemente a secreção de novos vasos, e novos fluidos, ou huma inflammação cutanea (*Zoon. Sup.* I. 15. 1.): nestas circumstancias a febre he a *sensitiva inirritada*, ou typho grave (*Zoon.* Cl. II. 1. 3. 1.).

32 Pelo que fica dito (Cap. XIV. 26. 30.) parece, que o typho tanto grave como moderado, depois de formado, i. h., depois de remittir o primeiro parocismo (ibid. 18. 26.), deve ter o tyho de febre continua continente, ou não ter nem exacerbações, nem remissões, o que he contrario á observação.

33 Como quer porém que pareça, nada ha mais facil que dar a razão das librações, que se observão no typho, pelos mesmos principios acima expostos.

Sen-

Sendo o typho produzido pelo torpor primitivo, e simultaneo do bofe e estomago (Cap. XIV. 18-30.), ha de ser huma febre composta de duas, que provirião separadamente do torpor de cada huma d'aquellas entranhas; ora mostrei acima, que a que provém do torpor do bofe he huma intermittente, e acaba de ver-se, que a que proviria do simples torpor do estomago, havia de ser huma continua continente; por conseguinte a que resulta do simultaneo torpor do bofe e estomago deve ser huma febre composta de huma intermittente, e de huma continua continente, que vem a ser huma continua remittente.

34 Ha inda outra razão pela qual nem o typho, nem febre alguma, como já notou Cullen, De Haen etc. (Cull. *Nosol.* Cl. I. Sec. II. *), póde ser continua continente. O excitamento do nosso systema he hum effeito propocional ás potencias estimulantes

tes, e ao *poder sensorio* residente nelle (Cap. XIII. 26.), e como este anda na razão inversa do excitamento ou estimulo precedente (ibid. 25.), segue-se, que se houver diminuição periodica nas potencias estimulantes, ha de haver periodicamente menos excitamento ou remissão, e por conseguinte accumulação de *poder sensorio*; e que haverá maior excitamento ou orgasmo se a esta periodica diminuição de estimulos se seguir periodico augmento delles; ora isto he o que succede diariamente, porque, além do periodico estimulo do alimento, o calor e gravitação solar etc., a cuja acção estamos sempre expostos, tem periodos de augmento e diminuição; he forçoso por conseguinte que haja diariamente exacerbações e remissões mais ou menos notaveis, e mais ou menos regulares. Daqui se collige, porque a repetição dos parocismos do typho he commummente pelas seis horas, pouco mais ou

me-

menos, da tarde, tempo em que a gravitação solar he menor (*Zoon. Sect.* XXXVI. 3. 7°. *Sup.* I. 4. 3. ibid. 5. 2.).

CAPITULO XV.

Indicações na cura do typho, e como as preenche a effusão fria.

DO que até aqui fica exposto, se collige, que o typho, passado o periodo do torpor geral, consiste em hum encadeamento de movimentos morbosos, no qual ha exacerbações e remissões quotidianas (Cap. XIV. 30.) e durante o qual o estomago se acha em torpor por exhaurição de *poder sensorio* de *irritação* (ibid. 21. e 24); o coração e arterias grossas tambem se achão em torpor pela falta de excitamento de associação, ou por directa sympathia com o estomago (Cap. XIV. 22. e 28.); o cerebro semelhante-

temente se acha entorpecido (ibid. 23); os vasos capillares porém , os secretorios , e absorventes cutaneos permanecem em orgasmo por effeito da redundancia do *poder sensorio* de *associação* , que nelles ha em consequencia das diminutas acções do estomago , do coração , e das arterias , ou por inversa sympathia com estes orgãos (ibid. 29. *Zoon. Sup.* I. 12. 10.) .

2 Este encadeamento de movimentos morbosos , que , bem como qualquer outro , se fortifica com o tempo , ou com a repetição de seus respectivos movimentos (Cap. XIII. 17. e 18. *Zoon. Sect.* IV. 7. *Sect.* — XVII. 3. 1.) , tende a extinguir a vida pelo nimio consumo de *poder sensorio* no continuo orgasmo dos capillares , secretorios , e absorventes cutaneos (*Zoon. Sup.* I. 8. 1. 12.) , e pela falta de renovação de liquidos proprios e sufficientes para reparar as perdas do systema , falta a que dá occasião o continua-

do-

do torpor do estomago (*Zoon. Sup.* I. 14. 1.).

3 Segundo estes principios as indicações na cura do typho são : 1.° interromper quanto antes o encadeamento dos movimentos morbosos , que constituem o typho , para ver se desordenando este encadeamento , se lhe substitue o encadeamento natural dos movimentos saudaveis , a que o systema está mais habituado (*Zoon. Sect.* XXXVII. 1. 19.); 2°. diminuir o orgasmo dos vasos cutaneos (*Zoon. Sup.* I. 8. 12.) ; 3°. augmentar a acção do estomago , systema arterioso (*Zoon. Sup.* I. 11. 7. ibid. — 12. 12.), e cerebro.

4 Destas indicações collige-se porque a effusão d'agua fria praticada competentemente cura maravilhosamente o typho. He facil mostrar , que ella satisfaz plenamente a todas as indicações.

5 Por quanto o immediato effeito

d'-

d'agua fria applicada á pelle na exacerbação, he diminuir-lhe o calor, o qual hé effeito, e immediatamente com causa do orgasmo cutaneo: pela diminuição deste grande estimulo o orgasmo dos vasos cutaneos reduz-se ao excitamento natural, pouco mais ou menos; e assim fica preenchida a segunda indicação.

6 Moderado o orgasmo dos vasos cutaneos até este gráo, não só se desvanece a sensação desagradavel, quando a haja, e se evita a grande dissipação de *poder sensorio*, que havia no dito orgasmo (Cap. XV. 2.), mas accumula-se nos mesmos vasos cutaneos algum *poder sensorio*, o qual pela já mencionada sympathia inversa entre a pelle e estomago, se emprega nas acções deste, tornando-as mais vigorosas (*Zoon.* Cl. IV. 1. 1. 4. *Sup.* I. 12. 12. *sixtly*); o que se manifesta pelo augmento de appetite pouco depois da effusão fria (Cap. VII.).

Vi-

Vigoradas desta sorte as acções do estomago, as do coração, arterias, e cerebro, pela directa sympathia destes orgãos com o estomago (Cap. XIV. 8.), tornão-se tambem mais vigorosas, do que resulta ficar preenchida a 3.ª indicação, e tornar-se o pulso menos frequente, e mais forte (*Zoon. Sect.* XXXII. 2. 1.), ou diminuir a febre.

7 Vigorado desta sorte o cerebro, augmentar-se-ha a secreção do *poder sensorio* de *irritação*; e como pelo meio, que occasionou o augmento deste poder, se tem diminuido o de *sensação* quando ha dor que o augmente (Cap. XV. 6.), he manifesto, que assim diminue, ou cessa a causa proxima tanto da febre *sensitiva inirritativa*, que segundo Darwin consiste na falta de *poder sensorio* de *irritação* e no excesso do de *sensação* (*Zoon.* Cl. II. 1. 3. 1.), como a da *inirritativa*, que consiste na mera falta de *poder sensorio* de *irritação* (*Zoon.* Cl. I. 2. 1. 1.).

8 He tambem facil mostrar, que a effusão fria preenche a 1.ª indicação. Por quanto a effusão fria he huma repentina applicação de frio, ou huma repentina e sensivel subtração do calor da pelle, da qual resulta: 1.º a cessação repentina do calor desagradavel, e do orgasmo dos vasos cutaneos, i. h., de hum dos anneis da cadeia dos movimentos morbosos, que constituem o typho; 2.º a sensação de frio, a qual, quando este he moderado, he logo agradavel, e quando maior, he ao principio hum pouco desagradavel, e por isso sobrevem huma especie de estremecimento, ou esforço *volitivo* para a aliviar (Cap. XIV. 9. no fim), isto he, excitão-se novos movimentos no systema, mas de tão pouca duração, como a causa excitante, ficando depois a pelle agradavelmente fresca, sensação esta, que com o moderado excitamento dos vasos cutaneos, fórma hum dos anneis da cadeia natural dos

mo-

movimentos salutares do systema, a qual por conseguinte he agora excitada, e substituida á cadeia de movimentos morbosos, que constituião o typho (*Zoon. Sect.* XVII. 89.).

9 Trazendo-se agora á lembrança, que os encadeamentos ou associações se forteficão com a repetição dos movimentos associados (Cap. XIII. 18.), he manifesto, que quanto aquellas forem mais recentes, mais faceis serão de transtornar-se; daqui se collige, porque a effusão he tanto mais efficaz, quanto mais temporãa se pratica.

10 Conhecido o modo pelo qual a effusão fria produz effeitos salutares no typho, he facil dar a razão das sobreditas condições, pelas quas se deve regular seu uso; sendo certo, que ella obra todos aquelles effeitos mediata, ou immediamente pela sua virtude torpente, i. h., pela virtude de diminuir a força dos movimentos *irritativos*, he claro: 1.° que a effusão fria

he incompetente, e até póde ser funesta no typho durante o periodo do torpor, se este he tão grande, que he acompanhado de frio; porque póde augmentar o torpor a ponto de cessarem absolutamente todos os movimentos irritativos, no que consiste a morte (Cap. XIII. 3. 1; *Zoon. Sup.* I. 2. 5.); 2.° que não convém quando o calor do febricitante he igual, ou inferior ao ordinario em saude; porque sendo o calor proporcional ás secreções (Cap. XIV. 9.) e sendo estas o effeito do excitamento, a falta de calor indica diminuto excitamento; e quando ha diminuto excitamento he arriscado diminuillo mais pela effusão fria, ou subtracção do estimulo do calor; 3.° que a effusão fria he mais competente na febre *sensitiva inirritada*, em que ha hum orgasmo geral e notaval nos vasos cutaneos, que na *inirritativa*, na qual o orgasmo cutaneo costuma ser pequeno (Cap. XIV. 30.), e frequen-

te-

temente parcial ; 4.° que o gráo de frio da agua deve ser em certa proporção com o orgasmo, ou sensação de calor do doente ; pois só assim se póde estar certo de que o torpor, que se induz, não excede os limites convenientes ; por esta razão cumpre, como diz o D.r Darwin, que o gráo de frio seja de certo modo regulado pelas sensações do doente » porque he provavel (fica acima mostrado) que o » gráo de frio que lhe he mais agradavel, lhe seja tambem o mais proveitoso » (*Zoon. Sup.* I. 9. 12.) ; 5.° que a effusão fria he incompetente e perigosa quando ha suor, porque o suor nas febres he hum signal do decadente orgasmo dos vasos cutaneos, e por isso então a effusão fria póde reduzir o decadente orgasmo a hum torpor demasiado e fatal.

11 Para isto se comprehender bem cumpre dizer, qual he a causa do suor febril, e qual o estado do systema nesse

sa occasião. Ainda que o typho he huma febre continua, pelas suas remissões e exacerbações mais, ou menos manifestas póde considerar-se como hum encadeamento de parocismos febris semelhantes aos das sezões, em cada hum dos quaes se devem distinguir tres periodos; primeiro de mais ou menos torpor indicado pelo frio ou menor gráo de calor etc., segundo do orgasmo ou excitamento preternatural indicado pelo gráo de calor preternatural etc.; terceiro de declinação, decrescente excitamento, ou de suor, no qual este se manifesta, porque no orgasmo ou extraordinario excitamento do segundo periodo consume-se demasiado *poder sensorio*, por ser o systema actuado, durante elle, não só pelos estimulos ordinarios, mas além disto pelo calorico, que se desprende; quando pois se tem dissipado a maior parte do *poder sensorio*, começa a diminuir o excitamento, tanto nos vasos capillares, como nos se-

cre-

cretorios e absorventes cutaneos ; mas como as bocas destes , por sahirem a superficie da pelle , estão mais expostas ao frio do ar que as d'aquelles que são subcutaneas , e semelhantemente os respectivos liquidos que os actuão ; a diminuição d'excitamento ha de manifestar-se primeiramente , e ha de ser maior nos vasos absorventes que nos secretorios ; sendo menor a acção d'aquelles que a destes , e sendo tambem menor o calor por ir em diminuição o orgasmo , deve manifestar-se em suor a abundante transpiração , que havia já no periodo do orgasmo , e que não apparecia então em fórma de suor , porque era em parte volatilizada pelo extraordinario calor , e em parte absorvida pelos absorventes , que então obravão com extraordinaria energia , já por terem mais *poder sensorio* accumulado durante o precedente torpor (Cap. XIV. 10.), já por serem mais excitados pelo augmento do calorico

(*Zoon.*

(*Zoon.* Cl. I. 1. 2. 3.): logo quanto o suor he mais copioso e quanto mais tiver durado, tanto maior he a falta de *poder sensorio*, e de excitamento; por conseguinte tanto maior he o perigo da effusão fria, por que póde aniquilar o diminuto e decadente excitamento dos vasos cutaneos, e por *associação* a de todos os orgãos do systema (*).

O

(*) Daqui se collige a razão do perigo, que ha em banhar o corpo quando se está cansado e suado, perigo de que a Historia nos conserva hum notavel exemplo no cel. Alexandre Magno, quando fatigado de huma longa e accelerada marcha, suado e coberto de pó se despio perante o seu exercito, e se lançou nas aguas frias do Cydno, donde o tirarão seminorto (Q. Curt. L. III. — Cap. V.) — Collige-se tambem, que ainda que haja algum suor, se não houver cançasso, ou não tiver precedido grande excitamento e dispendio de *poder sensorio*, como de manhãa ao sahir da cama, não tendo havido huma má noite, não ha perigo em se lavar ou banhar o corpo em agua fria, como eu impunemente, e com vantagem tenho repetidas vezes praticado.

12 O que tenho dito sobre os effeitos da effusão fria applica-se tanto á agua doce, como á salgada etc.; a vantagem que ha nesta, provém dos saes que se achão nella, e que depois da effusão ficão adherentes á pelle estimulando brandamente os exhalantes e absorventes, e obstando desta sorte ao excesso, ou continuação do torpor induzido pelo frio.

CAPITULO XVI.

Da agua fria como preservativo do typho.

TEndo acabado de expôr o methodo de curar o typho por meio da effusão fria, principalmente com agua salgada, não será fóra de proposito mencionar aqui outro uso, e outra propriedade não menos interessante da mesma agua, quero dizer, a de servir em fórma de banho de preservativo do typho.

Es-

2 Esta propriedade parece ser reconhecida ha muito pelos habitantes de Guiné : estes , principalmente os Mulatos Portuguezes , sabendo por experiencia que as chuvas , particularmente as primeiras da estação humida , produzem febres nos que as apanhão , acautelão-se muito dellas ; mas se casualmente se molhão , por preservativo immediatamente se vão banhar no mar , se o tem proximo (Lind. *Ess. sur les Malad. des Europ. dans les Pays chauds.* T. 1. *Sect.* sc. p. 60-61.). He porém o D.r Currie que fez vêr com evidencia , que o banho do mar possuia aquella virtude preservativa. Eu vou resumir aqui o que elle refere a este respeito (*Med. Rep.* p. 9-14.), porque he o methodo mais expedito de suffocar huma febre contagiosa abordo de hum navio de guerra.

3 Achando-se no principio de Junho de 1792 em Liverpool hum Regimento , cuja casa da Guarda tinha ser-

servido de prizão de desertores, e era humida, immunda, e mui pouco ventilada; começou a grassar nelle o typho, que se manifestou em dois soldados, que por bebados estiverão prezos na caza da Guarda. Os symptomas desta febre erão — mais ou menos tosse com expectoração mucosa — pintas (*petechiæ*), aos oito dias — em alguns hemorrhagias de nariz, e raios de sangue na expectoração — muita debilidade logo de principio — pulso de 130 a 100 — calor em geral de 101° a 103° menos para o fim, que era quasi o natural — dor grande de cabeça com adormecimento geral, e em alguns delirio.

4 Para se extinguir o contagio mandou o D.r Currie ventilar, e limpar as enfermarias, que estavão çujas e pestilenciaes; mandou depois lavar, e acear os mesmos doentes, empregando a effusão fria nos que tinhão bastante vigor e mais calor que o natural, e usando da ablução por meio

de

de esponja molhada em vinagre tepido nos mais debilitados; mandou tambem e immediatamente lavar e ventilar a casa da Guarda, e lançar ao mar os moveis. A pezar de tudo isto a infecção continuou, porque o tempo era muito mais frio do que he ordinario naquella estação, o que obrigava os soldados a recolherem-se e a pernoitarem na casa da Guarda. Não se podendo purificar esta casa, mandou-se fazer hum telheiro, e substituio-se-lhe; não obstante isto continuou a infecção a propagar-se; nestas circunstancias propoz o D.r Currie, que se formasse o Regimento, e que se examinassem os soldados nas fileiras: neste exame acharão-se 17 com symptomas de contagio, estes distinguião-se bem dos outros camaradas por certo languor no semblante, adnatas hum pouco rubras, e certo ar de abatimento. Todos estes forão separados dos sãos, e tratados pela effusão fria; o resto do

Re-

gimento foi mandado banhar-se no mar huns poucos dias successivos.

5 Desde este dia não appareceu de novo doente algum de typho, e assim se extinguio huma febre contagiosa, de que em 13 dias tinhão adoecido 58 pessoas, das quaes, em 26 foi suffocada a febre pela effusão fria, as restantes 32 supportárão o curso ordinario da febre, e destas morrêrão duas, em que se não praticou a effusão, e que erão valetudinarias.

6 A virtude preservativa da agua salgada parece extender-se até á mesma peste. Acha-se huma prova de facto na Relação da que houve em Spoleto em 1804. Quando aquelle flagello começou a grassar por todos os bairros, e suburbios da referida cidade, além de outras sábias providencias, que se derão » formou-se hum » arraial em S.to Estevão, lugar re- » moto e descoberto, para o qual to- » dos os suspeitos de contagio forão

» obri-

» obrigados a passarem-se depois de se
» *lavarem no mar* , e de mudarem
» totalmente de roupa. De muitissima
» gente tanto militar como paisana,
» que alli esteve , a maior parte foi
» preservada da infecção por *aquelles*
» *meios* (Howard *An Account of the principal Lazarettos* etc. p. 47.

7 Sendo o uso externo d'agua salgada hum meio bastantemente efficaz para preservar ou suffocar o typho (Cap. XVI. 1-6.) e a verdadeira peste (ibid. 6.) , he probabilissimo que tenha a mesma efficacia contra a febre amarella , ou esse typho pestilencial, que tem ceifado tanta gente na Hespanha, e de cujas calamidades nos não devemos ainda considerar como livres pela nossa proximidade , e por não haver certeza de se ter extinto o germe, ou miasma nos lugares onde ella espalhou o terror e a morte. Ainda que a analogia não apoiasse tão fortemente a minha conjectura , em

hum

hum mal tão funesto, tudo o que dá esperanças he licito tentar-se, e he hum acto de humanidade lembrallo aos que se acharem nas tristes circunstancias de o poderem praticar.

CARTA

AO

D.r JAMES CURRIE,

MEDICO EM LIVERPOOL

SOBRE O USO

DA

Agua do mar applicada externamente aos doentes de typho, ou de febres malignas contagiosas,

POR

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

Est etiam non infimum meritum aliorum præclara observata firmare suis, et illorum præceptis subscribere.

Stoll. Rat. Medend. t. III. p. 160.

SENHOR

COMO o meu amigo D.r Baeta participou a V. M.ce que eu tinha usado da agua do mar no tratamento de huma febre contagiosa, e como V. Mce manifestou desejo de saber o resultado da minha pratica, vou dar-lhe huma succinta conta, que de alguma sorte lhe devo, pois de V. M.ce, ou na sua preciosa obra (*Medical Reports on effects of water* etc.*) he que aprendi o uso e efficacia d'aquelle remdio, o qual, quando lhe não empecer o receio, que inspira a novidade e estranheza delle, será de hum uso tão geral como salutar, e ha de tornar os nomes de Wright e

(*) A edição dos *Med. Rep.* a que me refiro nesta Carta he a segunda e ultima, que havia quando a escrivi.

Currie tão celebres como caros, aquelle por ser o do descubridor, e este por ser o do que tornando incontrastavel a sua utilidade, regulou o methodo e multiplicou os usos.

No principio de Janeiro de 1802 sahio de Lisboa huma Esquadra Portugueza, composta de tres Fragatas, e tres Bergantins para ir cruzar no Estreito de Gibraltar, e vedar aos Algerinos a sahida para o Oceano; passados dois mezes depois que lá chegou, foi-se-lhe reunir mais huma Náo. Em toda esta Esquadra, desde que chegou ao Estreito, começou a grassar huma febre, de tal sorte que pelo meio de Março se retirarão para Lisboa huma Fragata, e hum Bergantim com perto de 200 doentes, e no principio de Junho em que fui mandado para a dita Esquadra, havia nella 220, sem contar os da Fragata Cysne, que, por indisculpavel negligencia, tinha cahido nas mãos dos Algerinos, e na qual só de cama havia 40 doentes.

Eu não me demoro a expôr as causas desta febre, bastará notar, que pela rapida multiplicação dos doentes, que acabo de referir, por não succeder outro tanto em varios navios de guerra Inglezes e Americanos, que se achavão em Gibraltar, por não perdoar a febre em alguns dos nossos navios a pessoa alguma da tripolação, em fim por se communicar aos enfermeiros etc. do Hospital, não póde duvidar-se, que ella era filha do contagio, ainda que algumas vezes havia causas, a que se podia attribuir, mas que talvez não erão senão occasionaes.

Podião-se na mencionada febre distinguir dois periodos. No primeiro havia por principio algum não grande frio, depois dor de cabeça — moimento, e certa sensação dolorosa pelas costas, e extremidades inferiores — calor, commumente mais que o natural — frequentemente rubor nas adnatas, e em muitos alguma inflammação local

pou-

pouco dolorosa (a ophtalmia era a mais trivial , a esquinencia pouco menos , da pneumonia falsa (*notha*) houverão alguns exemplos , da hepatitis vi hum caso , e outro da enteritis) ; muitos porém , principalmente na declinação da epidemía , não tinhão symptomas de inflammação local , e esta nunca durava tanto como a febre — lingua commumente branca , e pouco sordida — sede — fastio — em alguns vomitos espontaneos biliosos , em geral porém não havia turgencia de bilis ; — ventre ordinariamente remisso — pulso frequente , commumente molle , em alguns porém , ainda dos que não tinhão inflammação local , cheio e forte. Esta febre , ou de principio , ou no progresso geralmente remittia de manhãa , e então se contavão de 86 até 140 pulsações por 1′ , de tarde havia mais 3 até 26 pulsações com augmento de todos os symptomas , principalmente do calor da pelle , a qual tocada com os de-

dedos, ou com as costas da mão excitava maior, ou menor sensação ardente, semelhante á de huma pedra aquecida pelo sol no verão; este calor porém nas poucas vezes, em que o observei com hum thermometro feito por Dolond segundo a escala de Fahrenheit, não passava de 103° — No primeiro periodo desta febre apparecião frequentemente hemorrhagias de nariz, que quando moderadas alliviavão a dor de cabeça, mas quando profusas tornavão a febre mais diuturna, e mais perigosa — O sangue, nos que tinhão mais indicações de sangria, era pouco soroso, mas nunca mostrou a chamada *costra pleuritica*.

No segundo periodo, ou quando a febre não terminava nos primeiros 4 ou 7 dias por hum suor crítico, a lingua tornava-se seca, denegrida, e tremula — os dentes denegridos, e como envernizados — o pulso mais pequeno, mais debil, e ás vezes irregular,

— as

— as mãos tremulas — sobrevinhão sobresaltos dos tendões — modorra e apathia, ou vigilia e delirio — chagas gangrenosas sobre o osso sacro e nadegas — parotidas, em huns durante, e em outros depois da febre — em dois appareceo depois da febre hum bubão na virilha, e supurou — em hum, hum abcesso nas nadegas — em outro já convalecente hum tumor gommoso sobre o sternon — em dois tão sómente houverão pintas rubras, e pouco apparentes.

Cumpre notar, que a terminação salutar desta febre, ou se fazia de repente por hum suor copioso, ou era lenta, e sem crise: as hemorrhagias, tumores etc., nunca forão críticos.

Cumpre mais notar, que durante o reinado desta febre apparecião varios doentes com ophthalmias, e esquinencias sem febre, e outros com huma febre intermittente quotidiana, cujos parocismos começavão commumente pe-

pelo meio dia com frio e tremor forte, muita ansiedade, e alguns com symptomas convulsivos, ou dos que vulgarmente chamão nervosos. Em hum destes doentes, a que não dei logo quina por causa de huma tosse, que já tinha, degenerou a quotidiana, em hum typho caracterisado pela debilidade do pulso, secura de lingua, calor ardente de pelle, continuidade de febre etc. Em outro doente de ophthalmia, dissipando-se esta de repente por meio de hum purgante, sobreveio o typho.

Reflectindo sobre as circunstancias expostas parece-me manifesto, que a febre dominante na Esquadra era hum typho, ou antes hum exemplo d'aquella febre, que hum dos maiores genios, o immortal Darwin, chama *sensitiva inirritada*, ou huma febre composta da *sensitiva*, e da *inirritativa* do mesmo Autor, i. h., da febre nervosa e da inflammatoria.

Com

Com effeito o grande calor, a força do pulso, a immoderada prostração de forças voluntarias, as hemorrhagias com allivio de symptomas, as inflammações locaes etc., que em muitos se observavão, indicão a indole inflammatoria; mas a qualidade contagiosa e remittente da febre, a desproporção do calor com a força do pulso, e a desproporção do calor, e mais symptomas febris com a inflammação local, quando a havia, a pouca dor, e pouca duração desta, o estado do sangue, a marcha desta febre, i. h., a promptidão com que apparecião os symptomas do segundo periodo, taes como secura de lingua, maior debilidade de pulso, symptomas nervosos etc. manifestão a indole nervosa, e constituem-na huma febre nervosa — inflammatoria, ou a *sensitiva inirritada* de Darwin; com a differença que em huns participava mais da inflammatoria ou *sensitiva*, em outros mais da nervosa

ou

ou *inirritativa*, e em outros se mostrava decomposta nos seus elementos, i. h., nas inflammações sem febre, e nas febres intermittentes.

He bem para notar-se o concurso da febre *sensitiva inirritada*, e dos seus elementos na mesma epidemía, e não menos a transmutação de cada hum n'aquella. Acho tanto mais digna de reflexão esta concurrencia, quanto noto que na peste, que grassou no Exercito Francez chamado do Oriente, e que descreveo o D.r Pugnet (*Mem. sur les Fievr. pestil. et insid. du Levant*), apparecião de concurso com a peste, ou typho com bubões, febres intermittentes perniciosas (ibid. p. 215.), typhos sem bubões, e bubões sem febre (ibid. p. 125.), e transformações analogas ás que eu observei (ibid. p. 214.). Mas eu não me demorarei aqui com reflexões; commetto estas aos Mestres da Arte, ou aos que, como V. M.cs reunem a huma vasta lição hu-

huma longa pratica, continua reflexão, e hum juizo perspicaz. Passo entretanto a referir o uso que fiz, e o resultado, que obtive, da agua do mar na referida febre.

Ainda que a sua citada obra me tinha persuadido da utilidade da agua fria por effusão no typho, não me atrevi a fazer uso della logo que cheguei á Esquadra, porque a estranheza deste remedio me fazia tímido ainda mais, do que eu ordinariamente sou com remedios novos, quando activos.

Para me segurar, assentei de observar bem primeiramente o genio da febre, e predispôr ao mesmo tempo os animos dos pouco instruidos Ajudantes, e mais espectadores para presenciarem sem murmurar, a applicação de hum tão singular e inaudito remedio. Por tanto usei primeiramente da ablução d'agua e vinagre, que já em terra tinha applicado com vantagem; anunciei e fui fazendo por persua-

suadir demonstrativamente a efficacia da effusão da agua do mar; fiz ultimamente notar o allivio, que teve hum doente, que esteve mui perigoso, só por se mudar para hum lugar mais fresco. Tendo prevenido por estes meios os circunstantes, nada mais queria, do que ter hum doente de novo, em que concorresse hum consideravel numero de requisitos necessarios para o bom exito, e justo credito da nova pratica.

Vindo finalmente hum doente com febre, cujo pulso era de 156 pulsações por 1', calor de 103°, pelle seca e ardente, lingua seca, sem inflammação vesivel ect., mandei derramar sobre elle hum balde com 6 canadas d'agua do mar; enxugando-se depois, e mettendo-se na cama, achei-o com menos calor e menos febre, e pouco depois adormeceo; dahi a pouco acordou com hum calor, quasi como antes da effusão; por cuja razão mandei novamente mettello em huma tina, e la-

val-

vallo com agua do mar até que a pelle se sentisse fresca, sem o doente porém chegar a sentir huma sensação incommoda de frio, ou a tiritar: depois desta ablução o pulso reduzio-se a 136, e o calor era, segundo o tacto, o de huma pessoa sãa.

No dia seguinte nem o calor, nem o pulso subio ao gráo do dia antecedente, e como então se queixou de dores de barriga, e soltura de ventre, que já trazia, e de que me não tinha informado, larguei mão do uso d'agua do mar. Dahi em diante os symptomas febris forão diminuindo, mas á proporção augmentárão as dores de barriga, as dejecções tornárão-se mais amiudadas e sanguinolentas, e sobreveio tenesmo, desorte, que parecia transformar-se hum typho em huma dysenteria. Em consequencia desta observação, deve-se ajuntar ás contraindicações do uso externo d'agua fria no typho a disposição para a dysenteria? (*) A

(*) O D.r Currie no extracto que dá

Ainda que o resultado do meu primeiro ensaio não foi o mais feliz, fez todavia vêr o poder d'agua do mar applicada externamente, para diminuir a frequencia do pulso, o calor ardente, a secura de lingua, em conciliar o sono ect., e isto me bastou para a applicar affoutamente nas circunstancias opportunas. Fiz consequentemente dahi em diante hum grande uso deste re-

---

desta Carta na 3.ª edic. dos seus *Medical Reports* etc. traz sobre este lugar a nota seguinte » O Leitor verá que alguns do meus correspondentes usárão felizmente da effusão fria em casos, em que havia diarrhea, mas a minha propria experiencia serve mais depressa a confirmar a observação do D.r Gomes. Todavia o D.r Lind falla da effusão fria como remedio da dysenteria chronica dos Paizes quentes. *Essai on the health of Seamen* p. 49 — J. C. » Em consequencia desta nota, e da grande consideração que merece a experiencia do D.r Currie sobre a effusão fria no typho, he que ajuntei ás contra-indicações da effusão a diarrhea ou dysenteria (Cap. III.).

remedio, do qual obtive tão grandes vantagens, que de mistura com o pezar de não começar mais cedo a usar delle, sinto huma particular satisfação por ter verificado, e feito conhecer a bordo dos nossos navios de guerra hum remedio, que pela perenne occurrencia, e pela quasi milagrosa efficacia contra a mui frequente, e mais terrivel das enfermidades, que atacão os navegantes, he inapreciavel na Medicina naval, e não sei se diga o maior descobrimento que se tem feito na pratica em geral da Medicina.

Seria tão superfluo como fastidioso referir aqui todos os casos, em que lancei mão da agua do mar; vou consequentemente expôr sómente o methodo, com que a empreguei, as circunstancias, e o resultado, ajuntando apenas alguns casos, que merecem alguma reflexão.

Já disse que no primeiro ensaio, que fiz, me conformei ao methodo de Wri-

Wright, que V. M.ce recommenda, i. h., applicando a agua do mar por effusão, mas tambem disse, que no mesmo doente pouco depois a appliquei por ablução. He deste ultimo modo que dahi em diante a appliquei em quasi todos os casos, que a exigião. E ex-aqui o motivo.

Notando o pequeno e transitorio beneficio da effusão no caso acima mencionado, reflecti sobre os effeitos da agua fria, e guiado pelos principios do D.r Darwin, persuadi-me que a agua fria applicada por effusão he util no typho por dois effeitos que produz; primeiro por diminuir o calor da pelle, e consequentemente o nimio excitamento dos capillares cutaneos, o qual consumindo demasiado poder sensorio, ou forças vitaes, entorpece nas suas funções salutares as outras partes do systema animal, talvez sobre todas o estomago, cuja energia he no typho, segundo o D.r Darwin, na razão inversa

da dos capillares cutaneos ; segundo por interromper o encadeamento dos movimentos morbosos , que constitue a febre , e assim obstar , ou transtornar o habito que costuma entreter os movimentos morbosos , ainda depois de cessar a causa que os excitou. Reflectindo depois sobre estes dois effeitos , pareceo-me manifesto , que o segundo depende da grandeza , e rapidez do primeiro , e assentei além disto , que considerados independentemente hum do outro , o segundo não he tão importante para a cura do typho , como o primeiro ; por quanto reduzindo-se o segundo a substituir a encadeados movimentos morbosos outros tambem morbosos , mas taes , que talvez por desencadeados , ou não habituaes , são menos permanentes , e mais susceptiveis de se mudarem nos ordinarios movimentos salutares , tende indirectamente á cura da febre : o primeiro porém consistindo em diminuir a nimia ac-

ção

ção de certas partes, e em augmentar a de outras que estavão entorpecidas, economizando as forças vitaes, tende directamente a restabelecer a ordem nas acções das differentes partes da machina animal, i. h., a curar directamente a febre.

Depois destas reflexões assentei, que para o bom successo da applicação da agua fria se devia ter mais em vista a subtracção do exuberante calor, que a perturbação dos movimentos morbosos. Daqui já poderá V. M.ce colligir porque eu preferia a ablução á effusão. No paiz em que V. M.ce está sendo a temperatura da agua salgada de 44° — 60° (*Med. Reports*. p. 13. e 31.), póde esta na rapida applição da effusão subtrahir o excesso de calor e até mais; porém em hum lugar, e tempo em que a temperatura do ar (na camara do navio) era de 75° até 79 $\frac{1}{2}$°; e a da agua do mar (em hum balde) de 69° até 72°,

a momentanea applicação da agua por effusão póde não refrigerar assás, como succedeo no meu primeiro ensaio; applicada porém em ablução, póde regular-se á vontade a refrigeração. He certo que repetindo as effusões, podia conseguir igual refrigerio, mas como a impressão que faz no doente a effusão he bastantemente desagradavel e até perigosa quando he muita a debilidade; e por outra parte como a experiencia me mostrou, que a ablução preenchia sufficientemente, as minhas vistas, limitei-me a esta.

Todavia tenho, que a effusão, quando refrigera sufficientemente, he hum methodo mais activo e mais peremptorio, e por isso preferivel no principio da febre, e nas pessoas vigorosas; mas quando os doentes são debeis, ou estão mui debilitados pela febre, e quando a temperatura da agua he muito acima de 60°, a ablução he preferivel por mais suave, mais segura, e igualmente efficaz. Pa-

Para praticar a ablução mandava pôr ao pé da cama do doente huma tina, e dentro desta hum banquinho, e agua do mar que a enchesse até hum palmo de altura; fazia depois assentar no banquinho o doente nú, e com huma esponja o mandava lavar até a pelle se achar fresca ao tacto e começar a arripiar-se, sem todavia o doente chegar a tiritar, ou sentir horror; então se envolvia em hum lençol, e depois de enxuto se deitava na cama.

As indicações para a ablução, ou effusão erão hum calor geral de pelle maior que o ordinario em saude — pulso não duro — nada de suor — nada de inflammação local em que a dor fosse consideravel — nada de symptomas dysentericos. Nestas circunstancias qualquer que fosse o periodo da febre, affoutamente, e com felicidade usava d'agua do mar por ablução. Nas referidas circunstancias algumas vezes observei o calor dos doentes com o ther-

mo-

mometro de Dollond , e o achei de 100° até 103° ; mas como semelhantes observações me expunhão ao contagio por falta de hum thermometro proprio para aquelle uso , como ellas levavão tempo , e erão numerosos os doentes , prescendi das observações thermometricas , contentando-me com as menos exactas observações do tacto , as quaes todavia , pela experiencia , erão já para mim sufficientes : assim quando apalpando a pelle dos braços , ou applicando as costas da mão ao peito do doente , sentia hum calor mais ou menos ardente , semelhante ao de huma pedra aquecida pelo sol , ou ao de huma parte erisipelada , recorria logo á agua do mar.

O resultado desta pratica , menos no primeiro ensaio em que não pareceo sem inconvenientes , foi sempre vantajoso. Por ella conseguia primeiro reduzir o calor ardente da pelle ao calor natural ; segundo trocar huma

sen-

sensação desagradavel, que os doentes sentião interiormente, em huma certa satisfação, e isto logo que se deitavão; terceiro diminuir a frequencia do pulso de 8 até 20 pulsações por 1′; quarto diminuir a secura de boca, máo sabor, e fastio; quinto muitas vezes conciliar sono ao doente; sexto excitar ordinariamente hum saudavel suor, que terminava a febre. Este suor appareceo em alguns pouco depois de voltarem da tina para a cama, em outros veio de noite, e em outros no dia seguinte. Nos que em 24 horas não terminava a febre, os crescimentos seguintes erão sempre, e progressivamente mais brandos, de sorte, que se ao segundo ou terceiro banho não terminava a febre, havia tão pouco calor, e tão pouca febre, que largava mão da agua do mar, e acabava a cura com a quina.

He de notar, que alguns doentes tomando no principio hum vomitorio,

ti-

tinhão no mesmo dia hum calor ardente de pelle, que antes se não sentia; notei tambem, que estes doentes evacuavão pouca bilis, e que o appetite não melhorava. Não prova isto, que os vomitorios, quando não ha turgencia de coleras, ou de saburra no estomago, debilitão esta entranha, e por inversa sympathia augmentão a actividade dos capillares cutaneos? Seja qual for a razão do phenomeno, o que posso afirmar he, que quando elle acontecia, eu recorria á ablução d'agua do mar sem attender, que no mesmo dia o doente tinha tomado hum vomitorio, e jámais tive razão de me arrepender.

Ex-aqui alguns casos, que extrahi do livro do receituario, onde antes das receitas apontava diariamente mais, ou menos dos symptomas, que observava segundo o tempo que tinha para isso.

I.

Jozé Antonio da Costa, padeiro da Fragata Ulysses, tendo tido hum catharro forte, ou como alguns lhe chamão, huma febre catharral, e estando ainda de cama no Hospital com alguma tosse, mas sem febre havia já muitos dias, começou a queixar-se de menos vontade de comer; e de tarde, depois de hum moderado frio, manifestou-se febre.

No 2.º dia, pouca febre (por cuja razão não observei o pulso com o relogio); tosse; pouca vontade de comer; ventre tardo; pouca dor de cabeça; lingua branca; calor não ardente; — Tartarito de potassa antimoniado em pequenas e repetidas dóses, com cozimento de malvaisco, e alcassús; cristel d'agua do mar tepida.

No 3.º de manhãa pulso 88, forte; dor de cabeça; tosse; ventre remis-

misso; calor moderado etc. — o mesmo remedio interno d' hontem, e hum cristel de electuario de senne (linitivo). De tarde pulso 116, calor ardente etc. — Ablução com agua do mar, depois da qual reduzio-se o pulso a 104.

No 4.° de manhãa pulso 108, forte; calor ardente, mas menos que hontem de tarde; mais dor de cabeça desde a ablução — Remedio interno o mesmo. De tarde pulso 80, molle; suor copioso; de noite ventre solto.

No 5.° sem febre, sem incommodo algum, apenas com a pouca tosse que tinha antes da febre, a qual tambem poucos dias depois se dissipou.

Este caso confirma o que acima expuz sobre a efficacia da agua do mar applicada por ablução, e prova além disso que huma affecção catharrosa não contraindica, como parece á primeira vista, a applicação d'agua do mar fria, quando ella he bastantemente indicada

por

por outros symptomas (*). O augmento da dor de cabeça foi devido a executarem mal a ablução, pois não molhárão aquella parte, cujas membranas consequentemente devião ficar no mesmo, ou maior excitamento pela affluencia do sangue, e do *poder sensorio* em consequencia da remittencia do excitamento cutaneo.

II.

Jozé Pereira, grumete da Fragata Thetys, de idade de 16 até 20 annos, pouco robusto, pouco depois de ter tido a febre epidemica, de que foi curado por meio de remedios quinados, e de abluções com agua do mar, expondo-se ao vento, teve Rheumatismo, de

(*) Esta observação confirma as do D.r Currie, o qual já tinha observado que symptomas catharrosos não tornavão menos saudavel no typho a effusão fria (*Med. Rep.* p. 10 e 29.)

de que se curou promptamente por meio dos sudorificos. Passado pouco tempo expondo-se a hum vento frio a pescar, foi novamente atacado da febre, por cuja razão o Cirurgião no dia seguinte lhe deo hum vomitorio.

No 3.° dia, tosse forte e seca; pulso molle, de 96 pulsações de manhãa, e de 100 de tarde; fastio; calor na pelle mais que o natural — Cozimento de raiz de malvaisco e alcassús tepido por bebida ordinaria; pós de Dower á noite.

No 4.°, pulso 96 de manhãa e de tarde; menos calor; a mesma tosse e alguma dor de peito — Cozimento de hontem com tartarito de potassa antimoniado em dóse alterante; vesicatorio no peito.

No 5.° de manhãa pulso 88, menos tosse — o mesmo remedio interno de hontem.

No 6.° pulso 80, tosse — o mesmo remedio com oximel simples, e lauda-

dano liquido da Ph. de Lond. em dóse de 6 gottas duas vezes no dia.

No 7.º de manhãa pulso 80, de tarde 100 com tosse, calor ardente, e fastio — De manhãa tomou o mesmo remedio que hontem; de tarde ablução com agua do mar.

No 8.º de noite suou muito; de manhãa sem febre; vontade de comer, menos tosse, calor natural.

Desde esta época não teve mais febre; a tosse foi-se dissipando por meio do mesmo remedio interno; terminada esta, tomou hum brando cozimento quinado, para vigorar mais o estomago, e passados poucos dias sahio bom, e não voltou mais.

Esta observação confirma o que colligi da precedente, i. h., que a affecção catharrosa não contraindica o uso d'agua fria no typho. Não prova ella tambem a sympathia inversa dos capillares cutaneos com o estomago, pois que o fastio se desvaneceo depois da ablução?

III.

Jozé do Nascimento , 2.° carpinteiro da Fragata Ulysses , dapois de estar na praia do campo neutro concertando hum lancha , ao sol , com os pés na agua do mar , e sem comer por hum não ordinario espaço do tempo , começou a sentir (em 29 de Julho) amargores de boca , dor de cabeça , moimento , e outros symptomas febris : ao 4.° dia tomou a bordo do seu navio hum vomitorio , com que pouco vomitou , e no mesmo dia veio para o Hospital com os mencionados symptomas , inappetencia , lingua limpa e alvacenta , sede , pulso forte , e não muito frequente — Tizana diluente com oximel e nitrato de potassa.

No 5.° os mesmos symptomas com adifferença , que a febre remittio de manhãa , e exacerbou-se de tarde — O mesmo remedio.

No

No 6.° de manhãa os mesmos symptomas — Emetico com que vomitou; de tarde calor ardente, pezo na região epigastrica, e amargor de boca. — Citrato de potassa extemporaneo com agua de hortelãa (Mistura salina simples).

No 7.° os mesmos symptomas; menos febre de manhãa, mais de tarde — Citrato de potassa extemporaneo, como hontem.

No 8.° pulso 88 de manhãa e de tarde, mais debil, lingua seca; pelle hum pouco ardente; máo sabor de boca; nausea quando come — Citrato de potassa extemporaneo com infusão theiforme de macella; vesicatorios nas pernas; amendoada por bebida ordinaria.

No 9.° pulso 88 de manhãa e de tarde; lingua arida, pelle ardente; nauséa e vomita o comer; ventre remisso — De manhãa o mesmo remedio interno de hontem, e electuario de senne em cristel: de tarde ablução. Sahin-

hindo da cama para a ablução, e demorando-se hum instante em pé desmaiou, por cuja razão se tornou a deitar na cama, onde todavia se lhe refrescou a pelle quanto foi possivel, por meio de huma esponja humedecida em agua do mar.

No 10.º pulso 80 mais molle, menos calor; nauséa o comer; ventre remisso; lingua seca — Remedios internos os mesmos; limonada com $\frac{1}{3}$ de vinho; phosphato de cal antimoniado (pós antimoniaes) e muriato de mercurio sublimado (calomelanos) de cada hum 3 grãos, para tomar á noite.

No 11.º pulso 84 de manhãa e de tarde; lingua seca; calor ardente etc. — Tartarito acidulo de potassa 2 oitavas, nitrato de potassa 1 oitava, m.ᶜ e divida em 6 dóses para tomar no decurso do dia; limonada com $\frac{1}{3}$ de vinho; e de tarde ablução.

No 12.º de manhãa pulso 76, lingua humida, calor natural — Re-

me-

Remedios internos de hontem. De tarde pulso 64, lingua humida etc.

No 13.º pulso 52; lingua hum tanto seca; ventre remisso — Os mesmos saes em dobrada dóse com infusão theiforme de macella; electuario de senne em cristel.

No 14.º sem febre; lingua humida; calor natural; appetite de comer; ventre regular — O mesmo remedio de hontem menos o cristel.

No 15.º convalecente — Limonada com $\frac{1}{4}$ de vinho. Passados poucos dias sahio do Hospital inteiramente bom, e não recahio.

Sobreveio ao emetico o calor ardente de pelle, porque aquelle debilitou o estomago, e pela associação e sympathia directa deste com o coração, tambem o coração, e, pela inversa do coração e estomago com a pelle, augmentou a acção dos capillares cutaneos, e consequentemente o calor? Augmentárão os vesicatorios os symptomas gas-

tricos, porque estimulando os vasos cutaneos, augmentárão mais a sua já demasiada acção, e por inversa sympathia cresceo a debilidade do estomago? Foi salutar a ablução fria por que obra de hum modo opposto ao dos vesicatorios, i. h., diminuindo a acção dos capillares cutaneos, e por inversa sympathia destes com o estomago, augmentando o vigor desta entranha?

Seja como for, o que mostra este caso, e o que merece muita attenção na pratica he, que quando o calor da pelle he ardente, ainda que o pulso enfraqueça, e o estomago propenda tanto para o vomito que zombe dos emeticos, dos citratos de potassa extemporaneos etc., os vesicatorios são nocivos (*), e a agua fria applicada externamente he hum remedio salutar e sem igual.

Es-

(*) Isto he coherente com a doutrina do D.r Darwin (*Zoon. Sup.* I. 2. 4.)

Este caso tambem mostra, que na febre *sensitiva inirritada* não se devem dar, ou ao menos repetir os vomitorios, passados os primeiros dias, sem urgentes indicações, porque a inappetencia e máo sabor podem subsistir pela dibelidade e inacção do estomago, filha da sympathia inversa, que ha entre o estomago e a pelle, i. h., como nesta febre he nimia a actividade dos capillares cutaneos, segundo se collige do demasiado calor da pelle, e como elles consequentemente consumem demasiado *poder sensorio*, pela referida associação deve haver falta deste no estomago, e só por esta falta ha de haver inappetencia, enjôo, máo sabor etc. Em taes circunstancias os emeticos, ainda que brandos, pelo movimento, e pelas evacuações que excitão, não podem deixar de augmentar a debilidade do estomago. Aqui verá, que eu me aparto hum pouco do D.r Darwin sobre os effeitos dos emeticos, porque

não me persuado que os brandos emeticos obrão sempre, como elle diz, corroborando, ou accumulando o *poder sensorio* no estomago (*Zoon. Mat. Med.* Art. V. 2. 1. 1.); o caso referido, outros semelhantes, e a experiencia diaria refutão, se me não engano, a generalidade da sua asserção.

Parece que os brandos emeticos são, e devem só ser tidos por corroborantes quando ha cópia de saburra no estomago, ou de bilis viciada na bexiga félea etc., porque nestes casos o emetico vai tirar hum estimulo (extraordinario) que irritando incessantemente aquellas entranhas, as tem sempre exhauridas de *poder sensorio*, isto he, debilitadas: mas quando a debilidade do estomago procede só da nimia acção de orgãos, que tem sympathia inversa com o estomago, como no caso referido etc., os emeticos irritando e evacuando, não podem ser senão debilitantes.

He

He de advertir, que quando tratei este doente, ainda não conhecia pela experiencia, que no mesmo dia do emetico se podia praticar com beneficio a ablução, e por isso a não ordenei no 6.º dia.

IV.

Antonio José Correa, Marinheiro do Bergantim Gaivota, veio para o Hospital com huma dor rheumatica no pescoço, dores de cabeça, algum fastio, lingua branca sem febre.

No seguinte dia — Emetico antimonial de manhãa; pós de Dower a noite.

No 3.º dia sem febre, e melhor de todos os symptomas — Pós de Dower á noite com cozimento de cevada tepido.

No 4.º de manhãa sem febre, sem dor — infusão theiforme de macella. De tarde febre, não tem obrado — Cristel d'agua do mar tepida.

No 5.º de manhãa menos febre, suor, mas fastio, secura, e amargor de boca — Citrato de potassa extemporaneo com infusão theiforme de macella. De tarde pulso 120, lingua seca, dor de cabeça, calor ardente — Effusão d'agua do mar.

No 6.º de noite vigilia, de manhãa pulso 88 e molle, lingua humida e branca, suor. De tarde pulso 80, calor natural, sem sede, pouca dor de cabeça — Ponche de vinho.

No 7.º sem febre, vontade de comer, sem dor alguma — Cozimento brando de quina.

Este doente passados seis dias de convalecença sahio do Hospital inteiramente bom, e não voltou mais.

He de advertir, que quando elle veio para o Hospital já estava extincta na Esquadra a febre contagiosa, nem havia no Hospital doente algum com typho. Proveio esta febre de elle jazer no Hospital até o 5.º dia mui proximo

ao lugar, onde estavão os vasos destinados para as evacuações naturaes?

Neste caso usei da effusão aquosa ás 24 horas de febre; mas apezar de usar tão cedo da agua do mar, e por effusão, o successo não foi mais feliz, que applicando aquella por ablução em periodos mais adiantados, porque o doente teve vigilia na noite seguinte, e a terminação da febre foi mais lenta protrahindo-se além das 24 horas. Isto me justifica de ter preferido na minha pratica a ablução á effusão, e corrobora as reflexões que acima fiz sobre a acção da agua fria, e sobre a preferencia, que merece a ablução quando a agua não he assás fria, ou quando a sua temperatura excede muito 60°.

He notavel neste caso, como em todos os mais em que fiz uso d'agua salgada fria, a promtidão com que se restabelecião as funções gastricas. Eu não sei como se possa explicar este prompto beneficio sem recorer aos princi-

cipios do D.r Darwin, i. h., á inversa sympathia, ou inversa energia que ha no typho entre o estomago e capillares cutaneos.

A proposito do uso da ablução fria nas febres, accescentarei aqui hum caso, que mostra o que V. M.ce já tinha dito, que elle se pode extender ás febres exanthematicas.

V.

Antonio Francisco, mancebo robusto, e marinheiro do Bergantim Diligente, tendo dor de dentes, sobreveio-lhe huma grande erisipela que occupava ametade da face e ametade da cabeça; vindo para o Hospital

Ao 3.º dia, pulso 96 e forte, face muito inchada com muita dor, e calor ardente etc. — Sangria no pé; tartarito de potassa antimoniado 1 grão, cozimento diluente com oximel simples huma libra m.e, para tomar em

du-

duas dóses; cristel commum ; 4 grãos de phosphato de cal antimoniado para tomar á noite.

No 4º. costra inflammatoria no sangue ; pulso 92 ; calor e inchação da face pouco menores ; amargor de boca ; bolha sorosa na orelha ; calor por todo o corpo maior que o natural — Sangria no braço ; citrato de potassa extemporaneo; 6 grãos de phosphato de cal antimoniado para duas dóses ; ablução a todo o corpo com agua doce tíbia , e banho amiudadas vezes á face com agua doce tíbia , ou quasi fria.

No 5.º sem febre , sem amargores ; diz que a ablução geral , e as amiudadas locais o alliviárão muito; face desinchada , e largando a epiderme a pedaços ; mui pouco rubor ; moderado calor : a erisipela extende-se agora pela outra face , orelha , e ametade da cabeça com pouca inchação — Ablução local como hontem , amendo-

doada ; agua de hortelãa duas onças, vinho antimonial 12 gottas , laudano liquido 6 gottas , acetito de ammonia $\frac{1}{2}$ oitava m.e para tomar á noite.

No 6.º melhor de tudo ; a epiderme da face esquerda vai cahindo toda , e começa a cahir a da direita.

No 7.º quasi bom ; a epiderme vai cahindo por toda a parte que esteve inflammada , e que se banhou. Foi para o seu navio que partia para Lisboa.

Ainda que usei neste caso de differentes remedios , creio , que depois da sangria , o banho tíbio ou quasi frio , ou , para melhor dizer , fresco teve a maior parte na cura do doente; digo fresco porque a temperatura da agua , com que se fez a ablução , era , quanto se podia avaliar pelo tacto e pela sensação do doente , inferior á deste ; em quanto á ablução local cumpre notar , que a agua vinha tíbia , mas como a não renovavão frequentemente , mais vezes

se

se applicava fria, que tíbia; além disto como o lugar da erisipela tinha hum calor ardente, muito maior que no resto do corpo, e como depois da ablução se deixava evaporar a agua adherente á parte, he manifesto, que a ablução obrou simplesmente como refrigerante ou diminuindo o nimio calor.

Este caso persuade, ainda que não convincentemente, que em qualquer febre exanthematica, havendo muito calor na pelle, e não sendo já forte o pulso, hum moderado gráo de frio applicado por meio d'agua ha de ser salutar, ainda depois de apparecer o exanthema. O caso que refere M.r Desgenetes (*Hist. Med. de l'Armée d'Orient* p. 249.) he mui notavel, e muito a proposito para não deixar de o referir aqui » Hum Artelheiro que » tinha dois bubões, e hum carbun- » culo ou anthrax, fugio das barracas » do Lazareto de Boulak no mesmo

» dia

» dia em que entrou, e em hum vio-
» lento dilirio se deitou ao Nilo;
» passada meia hora foi tirado do
» rio, abaixo de Embabeth, pelos
» habitantes desta Villa, e restabele-
» ceo-se prefeitamente » Se neste caso o banho frio por meia hora foi salutar na peste depois de se manifestarem bubões e carbunculo, quanto o seria antes desses tumores se formarem, pois que V. M.ce, e o D.r Gerard tem mostrado, que em outras febres exanthematicas, como bexigas, e a febre escarlatina, o uso externo d'agua fria he hum remedio salutar antes da erupção, e incerto depois desta (*Med. Reports* p. 53. 66.).

Reflectindo sobre o caso acima referido, sobre os symptomas da peste, segundo os descreve o habil Medico da mesma Armada do Oriente M.r Pugnet (*Mem. citad.*), e sobre as circunstancias em que V. M.ce recommenda, e usei externamente d'agua fria

es-

estou persuadido, que naquella a mais fatal das febres, a agua salgada applicada externamente por hum Medico habil, será o mais efficaz remedio, como V. M.ce o tinha já annunciado (*Med. Rep.* p. 186.), e o aconselha o D.r Darwin (*Zoon.* Cl. II. 1. 3. 13.).

Antes de findar esta devo agradecer-lhe tanto, quanto sei apreciar o exemplar, que me promette, da nova edição dos seus *Med. Reports.*; fico com impaciencia esperando este presente na certeza, de que nelle hei de achar novamente com que augmentar os meus conhecimentos, e com que possa soccorrer mais efficazmente a enferma humanidade. Sou etc.

Lisboa 15 de Junho de 1803.

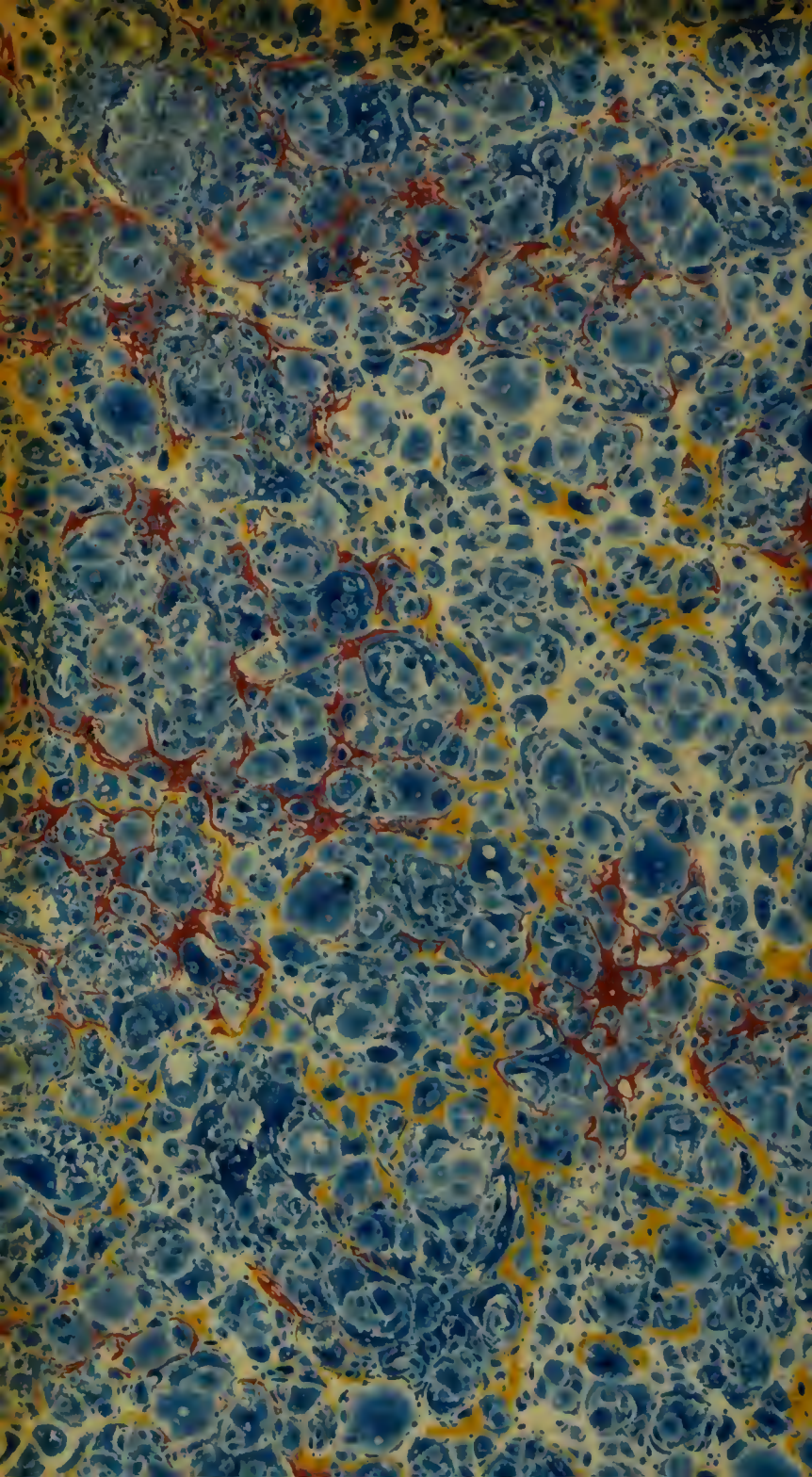
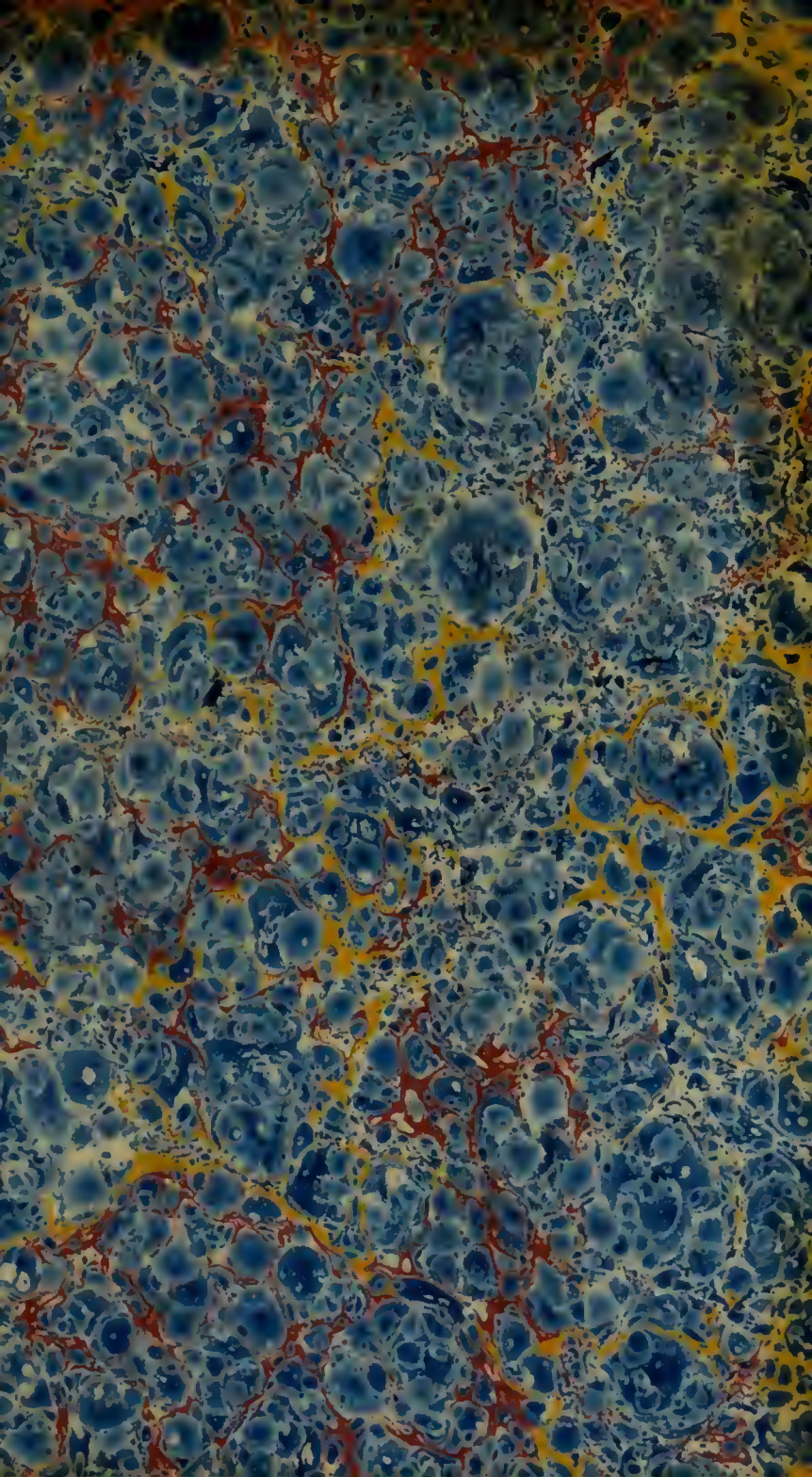
FIM.

INDICE

Dos Capitulos que contém este Livro.

CAP. I. *Noções historicas sobre a applicação externa d'agua fria nas febres.* . . . . . pag. 1
CAP. II. *Dos caracteres do typho.* 17
CAP. III. *Dos requisitos necessarios para ser proveitosa no typho a effusão d'agua fria.* 32
CAP. IV. *Da occasião mais opportuna para a effusão fria.* . 38
CAP. V. *Do methodo de fazer a effusão fria.* 41
CAP. VI. *Da agua com que se deve fazer a effusão.* 42
CAP. VII. *Dos effeitos que produz a effusão fria applicada competentemente.* 46
CAP. VIII. *De alguns symptomas, que podem tornar preplexos alguns praticos no uso da effusão fria.* 47
CAP. IX. *Dos remedios com que se de-*

deve auxiliar a effusão fria. 50
CAP. X. *Casos de typho tratados pela effusão fria extrahidos dos* Medc. Reports *do D.r Currie.* . 52
Caso I. . . . . ibd.
Caso II. 54
Caso III. 57
Caso IV. . . . . ibid.
CAP. XI. *Do perigo do intempestivo uso da effusão fria , e dos meios de o remediar.* 60
CAP. XII. *Explicação dos effeitos da effusão fria no typho.* . 65
CAP. XIII. *Noções preliminares para facilitar a intelligencia da theoria do typho.* 66
CAP. XIV. *Theoria sympathica do typho.* 82
CAP. XV. *Indicações na cura do typho , e como as preenche a effusão fria.* 129
CAP. XIV. *Da agua fria como preservativo do typho.* . . . 141
CARTA. *Ao D.r James Currie* 148

ERRATAS

Pag.	l.		*emendas*	*erros.*
44	l.	4	$\frac{1}{8}$	lea-se $\frac{1}{80}$
ibid.	l.	5	que se acha	que tambem se acha
46	l.	11	interturbada	enterturbada
53	l.	6	dezeseis	deseseis
54	l.	1	o	a
85	l.	22	exdostos	expostos
125	l.	27	inflammados	inflammadas.
126	l.	16	tyho	typo
145	l.	17	1804	1784
151	l.	12	remdio	remedio
168	l.	13	snfficiente-mente	sufficientemente
183	l.	7	dibelidade	debilidade